

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA NOTURNO**

Flávia Roberta Weiss de Oliveira

**A INFÂNCIA E A DOCÊNCIA:
OS CAMINHOS QUE PERMEIAM A EDUCAÇÃO INFANTIL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Santa Maria – RS, Brasil
2021**

Flávia Roberta Weiss de Oliveira

**A INFÂNCIA E A DOCÊNCIA: OS CAMINHOS QUE PERMEIAM A EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Pedagogia Licenciatura Plena Noturno, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM), como requisito parcial para
obtenção do grau de **Pedagoga**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia de Fátima Royes Nunes

Santa Maria – RS, Brasil
2021

Flávia Roberta Weiss de Oliveira

**A INFÂNCIA E A DOCÊNCIA: OS CAMINHOS QUE PERMEIAM A EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Pedagogia Licenciatura Plena Noturno, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM), como requisito parcial para
obtenção do grau de **Pedagoga**.

Aprovado em 05 de fevereiro de 2021.

Lúcia de Fátima Royes Nunes, Dra. (UFSM)
(Orientador)

Valéria Alagia Dornelles
(Banca Examinadora)

Santa Maria – RS, 2021

DEDICATÓRIA

Ofereço este trabalho a minha família, meu esposo Ewerton de Lima Penna, que foi incansável ao contribuir para que esse momento chegasse e ao meu filho amado Bernardo Weiss de Lima Penna, que com seus dois anos e meio de idade me faz sentir-se realizada ao receber um abraço, um beijo, um eu te amo. A dádiva concedida a mim de ser mãe desse ser tão amável me fez evoluir cem por cento, como ser humano.

Dedico este trabalho a cada criança do mundo e desejo que todos os seus direitos sejam sempre garantidos, desejolhes todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a. Dr.^a Lúcia de Fátima Royes Nunes, por ter me incentivado, motivado e guiado neste belo trabalho que fizemos juntas. Agradeço por todos os conselhos, por toda paciência, por todos os sorrisos e por me acalmar quando eu me sentia impotente. Agradeço imensamente por tanto que fez por mim, pela tua dedicação, por me fazer sentir parte da tua família. Agradeço pelas mensagens de carinho que me enviaste, os teus gestos fizeram a diferença na minha vida pessoal e profissional e como sempre digo, existem professores que inspiram seus alunos, positivamente e negativamente, tu me inspiras positivamente.

À minha banca examinadora Valéria Alagia Dornelles, por todo o carinho, cuidado e amorosidade.

À minha amiga Juvelina, por todo seu apoio, carinho, conselhos e abraços. Jamais esquecerei o dia que tu me deste um abraço na sala da Coordenação do Curso e eu me senti protegida.

À Prof.^a. Dr.^a Kelly Werle, professora que tenho uma admiração e carinho muito grande, me acompanhou em disciplinas no decorrer do Curso e me orientou no Estágio Supervisionado em Educação Infantil.

À minha colega e amiga Renata Alves, que se manteve ao meu lado durante algumas madrugadas e sabe dos meus esforços até aqui. Pessoa incrível e que sempre falo que é um dos presentes que o Curso me deu.

À minha colega e amiga Mirquele Marques, que se manteve ao meu lado durante todo o Curso. Amiga da qual tenho um carinho enorme, pois tem um coração doce e como eu digo, és um dos presentes que o Curso me deu.

À Débora Andrade, amiga, irmã e comadre que me acompanha na vida há mais de quinze anos, pessoa que me motiva e inspira. Uma mulher guerreira, que tenho orgulho em tê-la ao meu lado.

A todos os grandes professores que passaram pelo início da minha vida acadêmica. A vocês todo meu carinho.

Às minhas primeiras professoras Maria Luiza e Otilia, toda minha gratidão a vocês que deixaram marcas lindas em meu coração.

À professora Valéria Alagia Dornelles, agradeço por ter tocado em meu coração e ter me feito perceber que o mundo da Educação é magnífico. A ti todo meu carinho.

A meu sogro Valdir de Lima Penna e sua esposa Olinda Barcellos, que foram importantíssimos na minha trajetória acadêmica e pessoal. Faltam palavras para explicar o que vocês representam para mim e minha família.

À minha sogra Lia, que sempre esteve ao meu lado, por muitas vezes nos ajudando com nosso pequeno Bernardo.

À minha mãe Sílvia Weiss, a quem agradeço pela vida e por ser uma super avó ao meu filho.

Ao meu querido pai Josué, que não está mais presente fisicamente, mas tenho certeza que me guia de onde ele estiver.

À minha mãe de coração Tatiane Potura, pessoa que tenho um carinho gigantesco.

Aos meus avós Alsibírio Agápio e Edy Maria Weiss.

Especialmente ao meu marido, Ewerton Penna, pai do nosso filho, que por muitas vezes me fazia um café no meio da madrugada e me abraçava nos momentos em que eu mais precisava. Agradeço por todo carinho, amor e dedicação nesses anos de casados e de graduação. Foi ele quem me viu passar por tantos momentos difíceis e me deu o suporte que eu precisava para seguir em frente. Eu te amo.

Especialmente ao meu filho, Bernardo, que atualmente está com dois anos e meio de idade, que eu amo infinitamente e agradeço todos os dias por ter nos escolhido para ser seus pais. Eu te amo meu amor, ida e volta na Lua, mil vezes. Te amo como a imensidão das galáxias.

“O educador se eterniza em cada ser que educa.”

Paulo Freire

RESUMO

A INFÂNCIA E A DOCÊNCIA: OS CAMINHOS QUE PERMEIAM A EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: Flávia Roberta Weiss de Oliveira

ORIENTADORA: Lúcia de Fátima Royes Nunes

Esta pesquisa traz as considerações que eu acredito ser essencial em um profissional da área Educacional. Trago minhas memórias de infância e adolescência, até o meu ingresso na UFSM e assim faço uma ligação por toda pesquisa, que vai desde a criança e a infância, até a vida adulta com a escolha pelo Curso de Pedagogia. Meus objetivos eram explorar e observar os desafios e os avanços sobre a Educação Infantil, refletir sobre as propostas educativas e proporcionar uma reflexão sobre os diversos contextos educativos com ênfase na educação infantil. Trago memórias do curso, leis que amparam nossas crianças e assim garantem um mundo melhor para elas e uma educação que seja satisfatória. Esta pesquisa iniciou-se no primeiro semestre de 2020, entretanto, ao final do mês de março adentramos em uma pandemia de escala mundial. Acreditando que foram os momentos desse ano que me guiaram na pesquisa, abordo brevemente um relato de uma professora sobre o ensino remoto e suas demandas. A metodologia desta pesquisa foi de cunho qualitativo, onde foram entrevistadas cinco sujeitos de pesquisa, pelo modo online, através da plataforma Google Meet. Como resultado final da pesquisa as entrevistas me possibilitaram ter reflexões sobre a Educação Infantil, o quanto avançamos e que ainda temos uma longa caminhada para percorrer ao lado de nossos pequenos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Infância. Direitos.

ABSTRACT

INFINITY AND TEACHING. THE PATHS THAT ALLOW CHILDHOOD EDUCATION

AUTHOR: Flávia Roberta Weiss de Oliveira

ADVISOR: Lúcia de Fátima Royes Nunes

This research brings the considerations that I believe to be essential in an educational professional. I bring my memories of childhood and adolescence, until I joined UFSM and so I make a connection for all the research, ranging from children and childhood, to adulthood with the choice of the Pedagogy Course. My goals were to explore and observe the challenges and advances in Early Childhood Education, reflect on educational proposals and provide a reflection on the different educational contexts with an emphasis on early childhood education. I bring memories of the course, laws that support our children and thus guarantee a better world for them and an education that is satisfactory. This research started in the first half of 2020, however, at the end of March we entered a world-wide pandemic. Believing that it was the moments of this year that guided me in the research, I briefly address a report by a teacher about remote teaching and her demands. The methodology of this research was of a qualitative nature, where five research subjects were interviewed, online, through the Google Meet platform. As a final result of the research, the interviews enabled me to have reflections on Early Childhood Education, how far we have progressed and that we still have a long way to go alongside our little ones.

Key-Word: Child education. Childhood. Rights.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Direitos de Aprendizagem, Campos de Experiência e a BNCC	21
FIGURA 2 – Percentual de Matrículas na Educação Infantil no Brasil	22
FIGURA 3 – Linha Cronológica da Educação Infantil no Brasil	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.I	Anos Iniciais
DCNEI	Diretrizes Nacionais para Educação Infantil
E.I	Educação Infantil
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MOODLE	Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment
NTEM	Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal de Santa Maria
PEDs,	Práticas Educativas
PNE	Plano Nacional da Educação
PS	Processo Seletivo
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SMED	Secretária Municipal de Educação
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	11
2 – OBJETIVOS	17
2.1 Objetivo Geral	17
2.2 Objetivo Especifico	17
3 – INFÂNCIAS E SEUS DIREITOS	17
3.1 Direitos da criança e da Educação Infantil	20
4 – OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA: Da Identidade Docente à Criança	23
5 – VISÃO DOCENTE EM TEMPO DE PANDEMIA	25
6 – A INFÂNCIA DE HOJE	26
7 – METODOLOGIA	30
8 – CONVERSAÇÃO VIRTUAL COM EDUCADORAS	32
8.1 Primeiro Bloco	33
8.2 Segundo Bloco	37
8.3 Terceiro Bloco	40
8.4 Quarto Bloco	40
9 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
10 – BIBLIOGRAFIA	47
11 – APÊNDICE – AS ENTREVISTAS COMPLETAS	50
11.1 Sujeito de pesquisa A	50
11.2 Sujeito de pesquisa B	60
11.3 Sujeito de pesquisa C	64
11.4 Sujeito de pesquisa D	70
11.5 Sujeito de pesquisa E	74
12 – ANEXO – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ESCRITA	81

1 Memórias da infância e sobre minha escolha profissional

Incentivar
Nortear
Fortalecer
Amorosidade
Necessidades
Crescimento
Imaginação
Afetividade

(Flávia Roberta Weiss de Oliveira, 2020)

Acredito que desde o primeiro semestre do curso tenho as minhas dúvidas e anseios em relação à qual tema desenvolveria no Trabalho de Conclusão de Curso. Procurei descrever minhas memórias de infância, pois acredito ser importante, faz parte do que sou hoje. Dentre as pesquisas e leituras me deparei com algumas palavras chaves, que fazem sentido para mim quando penso na Infância e no que ela representa.

Eu nasci em Santa Rosa, no ano de 1995, morei em minha cidade natal até meus 3 anos de idade, após, minha família e eu fomos morar em Boa Vista, no Estado de Roraima. De lá trago muitas lembranças da minha família paterna e inclusive da Educação Infantil. Este período da minha vida foi de brincar com barro, bonecas, galhos, comer fruta direto do pé, em especial caju, morávamos em uma chácara, lembro-me de ser tudo bem simples, do chão ser de terra batida, mas foi uma Infância rica de alegria e de brincadeiras.

Em Boa Vista-RR nasceu meu irmão, eu tinha 5 anos de idade, meu pai precisava trabalhar, minha mãe ficou internada por um período após o parto, eu ficava sozinha durante o dia, aos cuidados de uma vizinha que me visitava em alguns momentos. Durante a noite ficava com meu pai.

Em um certo período fui matriculada em uma Escola de Educação Infantil, tenho nítido em minha mente no dia em que fui para a escola. O Norte do nosso país é conhecido por altas temperaturas, então as crianças tomam banho durante a tarde, porém, todas juntas, em um banheiro que para mim pareceu pequeno, todas as crianças são despidas e vão para baixo do chuveiro e do que me lembro, todas felizes e acostumadas com essa cultura. Como era meu primeiro dia, eu não tinha intimidade alguma com as demais crianças e professoras, porém, mesmo assim, não foi respeitado o meu desconforto gerado nesse primeiro contato. Eu como era uma criança não fui ouvida. Hoje percebo que naquele dia, naquele momento, não foi

levado em consideração o meu contexto, minha cultura, minhas particularidades e principalmente meus sentimentos.

Desse primeiro contato surgem questionamentos: Até que ponto ouvimos realmente as crianças em suas particularidades, culturas, contextos? De lá para cá o que foi efetivamente modificado no contexto da Educação Infantil? Os Educadores procuram ouvir as crianças antes de desenvolver o projeto proposto para elas? No contexto escolar qual é o maior desafio que um Educador encontra? São muitas perguntas que ao desenvolver o trabalho buscarei responder.

Anos depois voltamos para o Rio Grande do Sul, por ser a irmã mais velha de três irmãos, sempre fui um pouco mais cobrada nos estudos, por que eu deveria dar exemplo para meus dois irmãos mais novos. A educação sempre foi tida em minha casa como algo importantíssimo, sempre que eu fosse para a escola, o meu comportamento teria que ser o melhor, as notas não poderiam baixar de oito, sendo que o máximo seria dez. Minha educação infantil foi a Pré-Escola no ano de 2001.

Lembro-me que quando fui aprovada para a Primeira Série dos anos iniciais eu teria que fazer uma prova, para ingressar na melhor escola do bairro considerada pelos meus pais, nesta prova eu deveria escrever os nomes completos de quem morava em minha casa (minha mãe, meu pai, meu irmão e minha irmã caçula), as suas respectivas idades, datas de aniversário, nome das cores, deveria saber o alfabeto do “A ao Z” e os numerais (quanto mais melhor). Minha mãe foi comigo até a escola, chamaram-me até a sala da secretária onde fui sozinha para fazer a prova enquanto minha mãe ficava a me aguardar, quem me acompanhou para o desenvolvimento da prova foi a Orientadora Pedagógica.

Hoje tenho outra perspectiva de Educação Infantil, na qual a única preocupação que a criança deve ter é de se está brincando e se está feliz. Na verdade, isso é mais uma questão familiar e escolar, do que da própria criança. A partir desse pensamento, trago reflexões que contribuem para o entendimento da Infância e do Ouvir a criança, Jean Jacques Rousseau enfatiza que a criança é um ser amável e inocente, seu desenvolvimento deve acontecer de forma natural e concomitante ao seu âmbito educacional, tendo o Educador como mediador e não detentor de todos os saberes.

Respeitei a infância e não vos apresseis em julgá-la bem ou mal [...] Vós vos preocupais com a ver gastar seus primeiros anos em não fazer nada. Como! Ser feliz será não fazer nada? Não será nada pular, correr, brincar o dia inteiro? Em toda a sua existência não andarás mais ocupado (Rousseau, 1979, p. 97).

Nessa perspectiva que o autor nos traz é possível sentir em cada palavra o quanto o brincar é importante, faz potencializar as aprendizagens e desenvolver os pequenos de um modo livre e leve.

A Educação Infantil envolve diálogo de criança e Educador, para que assim possa haver um duplo compromisso, como afirma o autor. É necessário ter um olhar atento, cuidado e sensibilidade. As crianças devem ser os protagonistas da sala de aula e da escola.

A educação da criança pequena, isto é, a Educação Infantil, não é uma escola como as outras. A educação Infantil se caracteriza por um duplo compromisso: educar – que não é a mesma coisa que ensinar! - e cuidar. O mais importante de tudo na Educação Infantil é a criança: ela é o centro, ela é nossa razão de existir, e nossa responsabilidade de assegurar seu bem-estar físico e psíquico. (Colinvaux, 2011, p. 3.)

O autor ainda ressalta que a razão do Educador existir é a criança, nada mais justo que sejam elas as estrelas mais brilhantes em nossos dias no meio educacional em que estamos inseridos.

Outro marco importante na minha história foi com meus quinze anos de idade, num dia, para ser mais exata dia 28 de janeiro de 2011, tomei a decisão de sair de casa, seguir meu caminho, trabalhar e estudar. Então fui atrás de emprego, fiquei como babá durante um período do ano, em torno de uns oito meses. Ao longo deste mesmo ano consegui ser aprovada em um curso de Educação Profissional de Construção Civil, disponibilizado pelo Serviço Social da Indústria (SENAI) em período matinal. Para o período da tarde, consegui um estágio Extracurricular, ofertado para adolescentes que cursam o ensino médio, escola essa que comecei só por que a prefeitura pagava, ou seja, foi por questões de necessidades. Então minha rotina era, estudar no curso profissionalizante pela manhã, estagiar durante a tarde e estudar no Ensino Médio a noite. Por muitas vezes me vi quase desistindo de tudo, principalmente do estudo, a rotina durante o dia sugava minhas energias e por muitas vezes pensei em largar a escola. Entretanto, tinha algo dentro de mim que gritava: “Continua”. Ninguém disse que seria fácil.

Em um período no qual eu ainda estava em estágio houve falta de Educadores na rede pública municipal, por conta de concursos e nomeações na época. Conseqüentemente, na Escola em que estava exercendo o estágio extracurricular também sofreu com a falta de professores. Lembro-me como se tivesse sido ontem, fui chamada na sala da diretora e ela me disse o quanto via em mim, mesmo tão nova, um jeito de professora com as crianças e que os pais

elogiaram muito minha postura com os pequenos. Ajudava nos planejamentos e por conta própria estudava pedagogia. Mesmo sem me dar por conta o quanto isso me encantava. Dentre muitas coisas que aprendi, as mais marcantes foram as fases do desenvolvimento infantil, brincadeiras e jogos que poderiam nos auxiliar na Educação das crianças. Hoje percebo que foi naquele momento que brotou a paixão pela Educação Infantil. Já que, eu não havia pensado na possibilidade de ser Professora, meu desejo na época era ser Engenheira Civil, área que eu desenvolvia com o curso profissionalizante citado acima.

Ao meio daquele ano, a diretora me chamou novamente até a sala dela, após eu ter escrito por conta própria um parecer de um aluno que eu percebi que merecia uma atenção maior. Neste momento pensei: “Fiz algo errado”. Para a minha surpresa fui elogiada por saber o que eu estava fazendo, por estudar e procurar ajudar.

Agradeço a Diretora da Escola em que eu fiz este estágio, ela sempre acreditou no meu potencial, nas minhas sugestões levadas para as crianças e via meus esforços para contribuir no âmbito educacional. Naquele ano de 2014, eu teria que fazer minha escolha de qual curso superior faria. Certo dia fui surpreendida com uma pergunta: *“Tu vai mesmo escolher Engenharia Civil? Tu já viu o que tu estava fazendo aqui na escola?”* A partir daquele dia passei a refletir e analisar onde eu estava, o que eu estava fazendo e se de fato eu me doaria por inteira nesta profissão. Tenho muita gratidão a essa Diretora que estará para sempre em meu coração, pois foi ela quem me fez perceber algo que estava na minha frente.

Me lembro dessas perguntas, elas estão frescas na minha mente. Desde esse dia, eu pensei e repensei, acabei vendo que era isso que eu queria, que eu de fato era apaixonada pelo que eu fazia, pelo que eu estudava nas horas livres, pelas flores que eu recebia na chegada das crianças, por receber desenhos cheios de amor, por todos os dias receber um “EU TE AMO PROFE”. Consigo até hoje fechar os olhos e ouvir as diversas formas de ser chamada na sala de aula pelos pequenos: “Profe”, “Trofe”, “Pôsi”, “Pôpi”, seguidos da tentativa de acertar meu nome, “Tábia”, “Favia”, “Taubia”.

Então a próxima etapa da minha história vocês já devem imaginar. Realizei a inscrição no antigo PROCESSO SELETIVO (PS) para ingressar na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), para o Curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno.

Então me vi adulta, independente, saída de um bairro chamado Pôr do Sol, região Oeste de Santa Maria, de uma família onde quase ninguém chegou a concluir o Ensino Médio, entrar na UFSM, uma das melhores Universidades do Brasil. Me orgulho de todas as escolhas que fiz até aqui.

Ingressei na UFSM no segundo semestre do ano de 2015, o primeiro dia tão aguardado foi intenso, muitas amizades novas, inúmeras fotos e recordações guardadas no meu coração. A tão esperada acolhida dos veteranos com os calouros foi espetacular, lembro-me que houve debates com diferentes cursos no decorrer da primeira semana de agosto daquele mesmo ano. Depois dessa interação pude ter mais certeza que eu estava no lugar certo. Ao longo do primeiro semestre do curso tive a honra de ter um aprofundamento teórico, muito rico e cheio de desafios.

Do primeiro ao sexto semestre com a disciplina de Práticas Educativas (Ped) tive a oportunidade de vencer os desafios e participar de muitos momentos em Escolas Municipais de Educação Infantil e de Ensino Fundamental que abrem suas portas para os acadêmicos do curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno. Esta disciplina teve um grandioso significado para mim, pois com ela vivenciei momentos incríveis, percebi que teoria e prática caminham juntas, uma depende da outra para que bons profissionais façam o seu melhor.

Após as PEDs, iniciamos junto às demais disciplinas teóricas, as inserções, com esta disciplina surge a oportunidade de assumir por um curto período de tempo a regência da turma em que a Escola nos oferece em comum acordo com a professora regente. A primeira inserção que participei foi em uma Escola Municipal, com Educação Infantil, e a segunda com Anos Iniciais. Após observações na turma, conversas com a professora são feitos os planejamentos e assim proposto para a turma.

No segundo semestre do ano de 2019, iniciou-se a disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, esta disciplina com carga horária de 390 horas, possibilita que fiquemos em sala de aula como regentes de turma por 6 semanas.

Durante o estágio na Educação Infantil percebi em mim um amor por essa profissão, a delicadeza das crianças, a felicidade que os pequenos trazem consigo é algo enriquecedor para o ambiente escolar. Criança é amor, é transparência, é carinho e acima de tudo, é cuidado. De acordo com o Referencial Curricular da Educação Infantil.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para

o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, **Referencial Curricular da Educação Infantil**, 1998, p.23):

Rousseau traz o conceito de que as crianças não são pequenos adultos, o autor nos diz que “A criança não é um adulto inacabado, ela possui seu valor nela mesma. Em certo sentido, que é o mais importante, cada idade se basta a si mesma” (apud CERIZARA, 1990, pg. 82). A criança não era respeitada e nem vista como uma criança, que necessita do brincar e do cuidado.

Bem como afirma outros autores quando escrevem que por muitos séculos da nossa história as crianças não foram respeitadas nos seus direitos de infância.

A infância, como representada hoje, ficou velada ou invisível por muitos séculos de nossa história. As crianças estavam presentes fisicamente, mas ausentes no que diz respeito à ideia de uma categoria social particular, com especificidades e direitos próprios. (LIMA, MOREIRA, LIMA, 2014, p.98)

A criança deve ser vista como um ser de direitos que é capaz de produzir cultura, que pode e deve ter voz ativa, ou seja, a criança deve ser levada em consideração, Belloni define-a como:

A criança é a pessoa, o cidadão com direitos, e deve ser considerada um ator social, sujeito de seu processo de socialização, um consumidor com poder, um indivíduo emancipado em formação, isto é, que está aprendendo(ou não)a exercer seus direitos. A infância é a categoria ao mesmo tempo social e sociológica, noção construída para dar conta do fenômeno social, tanto em nível das representações sociais, quanto no âmbito das ciências humanas[...] (BELLONI, 2009, p.VIII)

Belloni (2009) traz para complementar meu estudo que a criança tem seus direitos e que eles devem ser cumpridos. A criança com a idade em que se encontra, seja ela qual for, é um cidadão, um sujeito social histórico, que tem bagagem conforme forem crescendo. Lima, Moreira e Lima afirmam ainda que:

A criança é um ser humano também do hoje que não pode ser limitado ao amanhã, precisa ser compreendida a partir de si mesma e do seu próprio contexto. Representa um sujeito social, que não está passivo em seu processo de socialização, faz história e produz cultura. Esse reconhecimento de ator social ativo é um dos pressupostos básicos propostos pela Sociologia da Infância (LIMA, MOREIRA, LIMA, 2014, p.99-100)

A criança é capaz de produzir cultura e assim conseqüentemente absorver e ressignificar tudo ao seu redor. A criança deve ser entendida como criança e acima de tudo, as crianças têm o direito de aprender brincando, com o lúdico, de forma leve.

Trazer o lúdico para o ensinamento diário dos pequenos é importantíssimo, se existe outra forma de aprender e de se desenvolver que não seja brincando, que não seja leve, eu desconheço. Este método influencia e contribui para o desenvolvimento integral da criança, possibilitando inclusive a interação das crianças com o meio em que está.

As atividades lúdicas são instrumentos pedagógicos altamente importantes, mais do que apenas divertimento, são um auxílio indispensável para o processo de ensino aprendizagem, que propicia a obtenção de informações em perspectivas e dimensões que perpassam o desenvolvimento do educando. A ludicidade é uma tática insubstituível para ser empregada como estímulo no aprimoramento do conhecimento e no progresso das diferentes aprendizagens. (MALUF, 2008, p.42).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Explorar e observar os desafios e os avanços sobre a Educação Infantil, tendo em vista a criança e o docente, na construção de descobertas no âmbito educacional.

2.2 Objetivos Específicos

- *Refletir sobre as propostas educativas e compreender como se sucede a escuta sensível, tendo em vista todos os cuidados que devemos ter com as crianças em ambiente educacional visando às práticas pedagógicas.*
- *Comparar as respostas e entender se existe algum pensamento semelhante.*
- *Proporcionar uma reflexão sobre os diversos contextos educativos com ênfase na educação infantil.*

3 Infância e seus Direitos

[...] é necessário que tomemos consciência de que, hoje, falar de criança ou falar da infância é algo cada vez mais difícil e cada vez mais complexo [...] há mudanças na sociedade, mudanças do tipo antropológico, do tipo cultural, mudanças que também afetam aos adultos que trabalham com as crianças. E, aqui, a razão pela qual falar da criança, hoje, significa abordar um tema sobre o qual é necessário refletir muito fortemente e com muito empenho (Loris Malaguzzi, 1986).

Se tratando da Infância e seus direitos trago uma linha de tempo sobre a Educação Infantil no Brasil, para assim, refletirmos sobre o papel da Educação no processo de desenvolvimento da criança ao decorrer dos anos. Nesta parte da pesquisa, quero elencar somente e estritamente a Educação Infantil, citarei todas as

partes dos documentos que falam sobre, quero assim mostrar o quanto evoluímos quando se trata dos nossos pequenos.

É de suma importância que relembremos que em 1988 surgiu nossa Constituição Federal, onde consta o primeiro Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Em 1990 surge mais especificamente o Estatuto da Criança e do Adolescente. Outro momento importante foi em 1996 o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil foram instauradas em 1999. Entre os anos de 2005 à 2007, vivemos muitos momentos importantes, o primeiro foi em 2005 com a Política Nacional para Educação Infantil que preconiza a interação das políticas públicas com a Educação. No ano seguinte, foi criado um controle de qualidade e infraestrutura especialmente para a Educação Infantil, onde visa propiciar para as crianças uma estrutura satisfatória. Em 2009 obtivemos a conquista da Emenda Constitucional, que possibilita um acesso à educação básica, gratuita dos 4 anos de idade aos 17 anos de idade.

- a Emenda Constitucional nº59 – a Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria. Além disso, estabelece que, na organização de seus sistemas de ensino, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório;

Logo após a EC de 2009, vem para agregar a lei de número 12.796/13 que altera a LDBEN nº 9394/96 que determina a obrigatoriedade da matrícula de crianças a partir dos 4 anos de idade.

A Educação Infantil passa a ser obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos apenas com a Emenda Constitucional nº 59/2009, que determina a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos. Essa extensão é incluída na LDBEN em 2013, consagrando plenamente a obrigatoriedade de matrícula de todas as crianças de 4 e 5 anos em Instituições de Educação Infantil;

Ainda entre 2016 e 2017 Marco Legal da 1ª Infância que direciona e regulamenta os direitos da criança. Preconiza o cuidado integral e integrado dos pequenos que frequentam a Educação Infantil.

Após todas essas reformas e aprimoramentos em 2017, nasce a proposta da Base Nacional Comum Curricular, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para

a Educação Infantil, onde aparecem os direitos de aprendizagens e de desenvolvimento, onde todo o protagonismo deverá ser da criança:

a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da etapa da Educação Infantil – A partir dos princípios definidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2009, foi construída a Base Nacional Comum Curricular, fixada pela Resolução 02/2017 do Conselho Nacional de Educação, que referencia a construção dos currículos da Educação Infantil nos Estados e Municípios. A proposta de currículo da BNCC da Educação Infantil organiza-se pelos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, campos de experiências e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, elementos que se integram na articulação entre as necessidades, interesses, experiências e curiosidades das crianças de 0 a 5 anos e o patrimônio artístico, cultural, ambiental, científico e tecnológico. (Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais da Educação Infantil**. pág. 18)

O reconhecimento da Educação Infantil foi somente constituído no Brasil na Constituição de 1988 como um direito social e de dever do Estado. Este direito por sua vez contou com diligência e “teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação” (BRASIL, **Diretrizes Curriculares**. Ministério da Educação.2012).

É necessário falar da infância, mas também dos Direitos que amparam nossos pequenos na nossa atualidade, como também refletir e se inteirar dessas leituras fundamentais, que fazem com que os profissionais da educação sejam ainda mais competentes e compreensivos com o papel da criança e do próprio profissional que ali se encontra. Para que a cada planejamento da Educação Infantil haja a consciência de que seus direitos estão sendo respeitados pelos Educadores e pela Gestão Escolar.

A criança por sua vez tem amparo legal na constituição do nosso país, no artigo 227, da Constituição Federal Brasileira que determina:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Dentre direitos constituídos por lei temos alguns Artigos da Resolução N°5, de 17 de Dezembro de 2009, que fixa Diretrizes Curriculares Nacional para Educação Infantil, alguns que são indispensáveis: “Art. 1º A presente Resolução institui as

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil”.

Este por sua vez, trata de manter fixo o olhar atento na organização das propostas pedagógicas sugeridas para os pequenos da Educação Infantil, visando a organização e sensibilidade a cada proposta. Ao seguimento dos Artigos de Lei, no ART 2º ainda é estabelecido a importância da elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares.

Art. 3º O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Vem pautado mais uma vez no art.3º desta resolução a importância de um olhar atento e sensível para com nossos pequenos, é necessário potencializar e considerar os saberes das crianças, proporcionando seu desenvolvimento no nível em que se encontra estando na Educação Infantil.

3.1 Direitos da Criança e da Educação Infantil: Escola para a criança.

A proposta do texto sobre Educação Infantil na BNCC, menciona a legislação que ampara a Educação Infantil para a criança. Em um dos trechos que se trata da E.I. consta a seguinte proposta: “Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais” (2017, p. 32). Ou seja, a família também faz parte do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança e não somente os educadores da escola serão responsáveis por todo progresso dos pequenos. Traz a importância da (re)construção e a constante modificação de melhorias para nossas crianças.

Abaixo compartilho uma ilustração do quanto podemos visualizar uma infância cheia de vida, leve e com todos os direitos garantidos. O direito de Conviver, de Brincar, de Participar, de Explorar, de Expressar-se e de Conhecer-se estão bem destacados e especificados no documento da BNCC, harmonizando com os campos de experiência que farão potencializar todas as etapas da Educação Infantil.

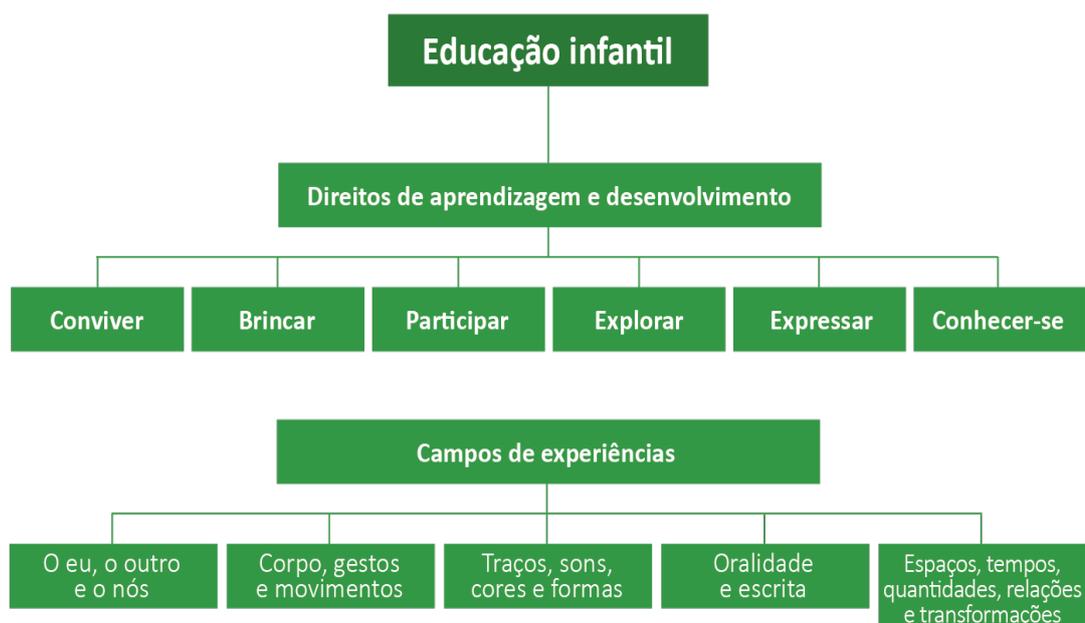


Figura 1. Fonte: Direitos de Aprendizagem, Campos de Experiência e a BNCC

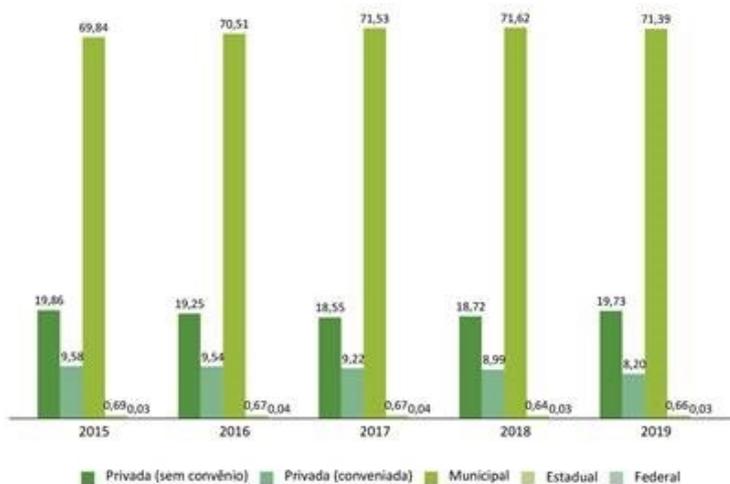
As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 12) definem o currículo da seguinte maneira:

Concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, 2010, p. 12)

Por muitos lados e perspectivas percebeu-se que a Educação Infantil já não é a mesma de vinte anos atrás e que necessita de mudanças, as crianças mudam a todo tempo, se (re)descobrimo a todo momento. Surgem então inúmeros autores para dar todo o amparo e refletir sobre a infância.

Dados atuais mostram que as crianças estão cada vez mais presentes na educação infantil, seus números aumentam a cada ano.

PERCENTUAL DE MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SEGUNDO DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA (REDE PRIVADA SEPARADA EM CONVENIADA E NÃO CONVENIADA COM A REDE PÚBLICA) - BRASIL - 2015 A 2019



Fonte: Elaborado por DEED/Inep com base nos dados do Censo da Educação Básica.

Figura 2. Fonte: Inep com base nos dados do Censo da Educação Básica
Abaixo deixo a linha cronológica de todos os anos em que tivemos no Brasil um avanço em nossa Educação Infantil.

Linha do tempo da educação infantil

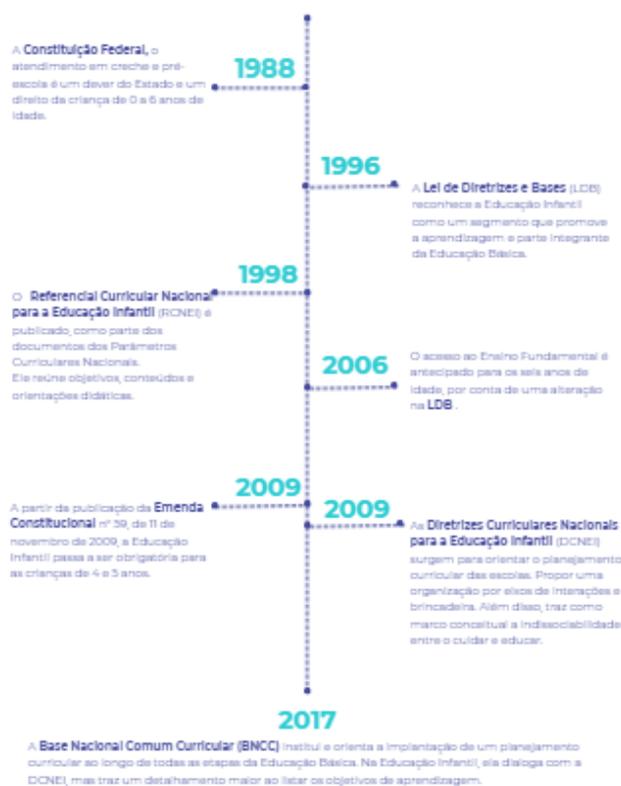


Figura 3. Fonte: Nova Escola.

Logo após essa linha temporal percebo o quanto evoluímos no que se refere a Educação Infantil e o que ainda temos que evoluir se tratando de todo o enfoque que devemos proporcionar aos pequenos, protagonismo e estrutura escolar. Vejo que Pedagogos (as) têm nas leis todo o amparo legal para desenvolver propostas satisfatórias elencando e tendo como sustentação as DCNS, PNE, BNCC e nossa Constituição.

4 Os desafios da docência: Da Identidade Docente à Criança

Paulo Freire (1997), no livro: Professora, sim; tia, não. Traz a reflexão de não reduzir a professora à condição de tia. Segundo Freire, para ser tia, não é necessário uma formação.

A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalha com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão (FREIRE, 1997, p. 09).

Dos desafios que os Educadores têm ao decorrer da sua profissão, o primeiro diz respeito ao lado considerado materno, sim, o gênero tem influências nesta profissão para algumas pessoas, em que apenas mulheres na sua imensa graça, responsabilidade e delicadeza poderiam exercer tal papel, aquela quase “santidade”, que não tem vida social e que na visão dos alunos e de muitas famílias dá aula e não trabalha. O fato de ser mulher e ser professora é a combinação de estereótipos para a prática docente. Além de impor esses padrões impostos, acabam por desvalorizar a profissão docente, já que se atribui a prolongação do lar e da função de ser mãe. Portanto, segundo Vianna

Criam-se, assim, vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos, militaristas, racionais, para eles; dóceis, relacionais, afetivas, para elas. Em decorrência, funções como alimentação, maternidade, preservação, educação e cuidado com os outros ficam mais identificadas com os corpos e as mentes femininas, ganhando, assim, um lugar inferior na sociedade, quando comparadas às funções tidas como masculinas. (VIANNA, 2001-2002, pág. 81-103)

Todas essas questões de gêneros “bem-aceitos” pela sociedade, em nossa profissão, vejo que um conceito cultural. Um exemplo vivido por mim é que ao entrar

no curso de Pedagogia, de quarenta colegas no geral, um único estudante do sexo masculino. Seria isso inusitado ou imposto pela sociedade que nos rodeia e que nos diz que o perfil para ser um bom pedagogo é se for mulher. Outra vivência que tive antes do curso, é de ir em festas e por lá ter alguma professora, “Nossa!!! Professora bebe álcool e sai em festas?” - era automático, não eram julgamentos e até hoje não entendo bem ao certo como vivemos essa realidade em 2020. Última vivência que trago como contribuição é que em algum dia saí para uma festa e uma pessoa muito próxima me disse algo desse tipo: “Nunca vi uma pedagoga tomar cerveja”. Então meio automático o respondi que naquele momento meu papel ali não era de pedagoga e sim, de uma mulher como qualquer outra.

Agora se tratando de formação de professores, a Graduação, existem situações em que são aceitos Educadores que possuem o Magistério como formação mínima. A LDB 9394/96 pressupõe o Título – Dos Profissionais da Educação – no seu Artigo 62 - Educadores de crianças pequenas diz que:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017)

Os princípios norteadores do programa de formação de educadores, da gestão Paulo Freire, estão descritos no livro “A educação na cidade”, de autoria de Freire. São eles:

O educador é o sujeito de sua prática, cumprindo a ele criá-la e recriá-la;
A formação do educador deve instrumentalizá-lo para que ele crie e recrie a sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano;
A formação do educador deve ser constante, sistematizada porque a prática se faz e se refaz;
A prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento, ou seja, de como se dá o processo de conhecer;
O programa de formação de educadores é condição para o processo de reorientação curricular;
O programa de formação de educadores terá como eixos básicos:

- a fisionomia da escola que se quer, enquanto horizonte da nova proposta pedagógica;
- a necessidade de suprir elementos de formação básica aos educadores nas diferentes áreas do conhecimento humano;
- a apropriação, pelos educadores, dos avanços científicos do conhecimento humano que possam contribuir para a qualidade da escola que se quer.

(FREIRE, 1991, p.80)

Então com todas essas considerações é nítido perceber que em nada refere a gênero, ou algo característico para ser pedagogo. Por esse motivo trago essa contribuição para esta pesquisa, pois meu intuito é poder contribuir e refletir sobre os

desafios dessa profissão magnífica e significativa em cada coração que toca.

Em uma das disciplinas do ano de 2017, denominada de Contextos Educativos Na Infância I, foi disponibilizado para a turma através da plataforma Moodle da UFSM, alguns textos, artigos, vídeos, entre outras formas de apoio tecnológico para nos auxiliar no processo construtivo do nosso pensar a Infância com mais aprofundamento teórico, porém com leituras e estudos, uma frase, com linguagem simples me faz refletir até hoje, “A criança sempre existiu, a infância não” (GHIRALDELLI, 1997)

Hoje em dia é complicado pensar em Educação Infantil sem pensar que as crianças têm suas próprias vivências e que o brincar é um importantíssimo instrumento de conjunto de aprendizagens e habilidades, assim como seu bem-estar físico e psíquico.

[...] brincando, a criança aprende com toda riqueza do aprender fazendo, espontaneamente, sem estresse ou medo de errar, mas com prazer pela aquisição do conhecimento – porque brincando a criança desenvolve a sociabilidade, faz amigos e aprende a conviver respeitando os direitos dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo e, também porque brincando, prepara-se para o futuro, experimentando o mundo ao seu redor dentro dos limites que a sua condição atual permite. (CUNHA, 2001, p. 13).

5 Visão docente em tempos de pandemia: A importância de um Educador na Educação Infantil

Quando iniciei este Trabalho de Conclusão de Curso, tinham outras propostas de escrita em minha mente e que seriam desenvolvidas normalmente ao decorrer do semestre. Porém, todos fomos pegos de surpresa quando iniciou-se o processo de quarentena e distanciamento social em março de 2020, mais um marco histórico mundial. Digo que não foi minha orientadora e eu quem direcionaram as pesquisas e sim, as situações das quais nos foram impostas por um inimigo invisível. Digo para meu filho Bernardo, de 2 anos de idade, que é um bichinho que não podemos ver, precisamos nos cuidar, lavar bem as mãos e se precisar sair temos que utilizar a máscara de proteção, além da higienização com álcool gel e todas as outras possíveis formas de cuidados que podemos ter. Graças a tecnologia temos a chance de fazer chamadas de vídeo com as pessoas que amamos e que estão longe. Uma situação que nunca havíamos passado, os dias neste momento são incertos, sonhos, planos adiados e o maior dos desejos dessa quarentena é que todos tenhamos saúde para passar por esse momento delicado no qual estamos passando.

Neste breve capítulo quero trazer algumas reflexões e autores que estão escrevendo sobre nossos pequenos, que foram afastados por tempo indeterminado das suas escolas, dos amigos e de seus laços fraternos. Do Educador de Educação Infantil, que se reinventaram por meios diferentes de propor brincadeiras, atividades e propostas que potencializam as crianças neste momento em que estão em casa.

No Livro de Hannah Arendt, “Entre o passado e o futuro”, vejo um tema que se faz atual em nosso momento histórico. Tendo em vista a data da pandemia mundial de 2020, traz muitas contribuições, aborda amplamente o papel da Educação, além de desafiar o papel educação diante novas gerações, que vão inovando cada vez mais, tanto tecnologicamente, quanto em outros aspectos, Arendt afirma que:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDR, 2016, p. 147).

Em meio a nosso novo “normal”, é necessário ter consideração pelos nossos pequenos. Não quero me tornar repetitiva ao mais uma vez elencar aqui que os nossos pequenos levarão muitas coisas para o futuro depois desta crise mundial, onde afeta a todos, e em especial a Educação. O momento de pensar sobre o que queremos que nossas crianças lembrem desse momento é significativo, levando em consideração que a escola para muitas crianças no Brasil, eram onde se alimentavam saudavelmente, ondem muitas tinham um afeto especial por parte dos educadores e em março foram cortados os contatos, pois os riscos de contágio eram enormes, foi deixado de lado folhinhas, quadro, e toda diversidade que a escola proporciona aos seus alunos. E então? Foi inovado, as crianças lembrarão desse momento com carinho, ou nem lembrarão? Não posso escrever meu trabalho sem deixar essa “pulga atrás da orelha” de quem ler essa pesquisa.

6 A Infância de hoje:

Relatos de Educadoras da Educação Infantil em momentos de pandemia.

“A experiência de uma criança não cabe em uma folha A4.”

Pensando no momento que a Educação Infantil está passando, com o apoio

da SMED (Secretaria Municipal de Educação) foi desenvolvido a live no dia 22 de junho de 2020, às 14 horas, na mídia social YouTube, no canal NTEM SANTA MARIA., foram convidados alguns profissionais da área da Educação para compartilhar as vivências neste momento de ensino a distância, são Pedagogas que atualmente se encontram em Escolas Municipais de Santa Maria-RS, tendo que se reinventar para com os bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas através de meios tecnológicos e redes sociais, visando o distanciamento social imposto pelo COVID-19.

A Educadora que veio em nome da Escola Municipal de Educação Infantil Zulania de F. Salamoni, situada no Bairro Tancredo Neves, de Santa Maria, traz em sua fala que o conjunto de Educadoras da Escola reflete sobre: “Quais memórias as crianças estão guardando nesse momento de pandemia estando em casa?” Ela ainda retrata que o maior desafio da escola é que o retorno dos pais com as propostas feitas pelas Educadoras está sendo pouco, mas que uma grande parte das famílias procura a escola por redes sociais. Afirmou ainda que as Formações de Professores pelas salas de vídeo estão sendo de muita importância, de muito estudo e reflexões sobre o momento atual.

Na Escola Municipal de Educação Infantil Eufrazia Pengo Lorensi, a Professora que a representou, fala que no mês de maio conseguiram atingir todas as famílias, a grande maioria por redes sociais. Porém, o desafio é ter o retorno dos pais. A fim de querer saber o por que as famílias não estavam se comunicando pelos meios tecnológicos a Escola elaborou um questionário para que fosse melhor compreendido a razão das famílias não estarem dando retorno nas atividades propostas pelas Educadoras. A equipe de Pedagogas também encaminha fotos e vídeos das crianças no período em que ainda estavam indo presencialmente à escola, com o intuito de tocar e sensibilizar as famílias. O que a Escola em um geral quer é que as famílias entendam a infância e suas singularidades.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Chácara das Flores, localizada no Bairro Chácara das Flores, também foi representada nesta live, utilizam a ferramenta do Google Formulário para alcançar as famílias, em pesquisa e com um olhar atento, as Educadoras perceberam que as crianças gostam mais de jogo e desafios entre as turmas. Para tornar um processo de aprendizagem mais acessível, as professoras desenvolveram um passo a passo, com o intuito de alcançar todas as

famílias. Neste aplicativo tecnológico é possível saber o crescimento de acessos. Uma das preocupações da Escola era que os pais estavam colocando imagens e vídeos dos seus pequenos em redes sociais em modo público, que permite que qualquer pessoa tenha acesso. Para expor as crianças o mínimo possível, a Escola criou grupos privados onde só quem tem acesso são perfis aceitos pelo administrador do grupo. Aos responsáveis das crianças que não têm acesso aos meios de comunicação a distância, a escola imprime os formulários e deixa disponível na escola para as famílias.

Também teve a participação da Escola Municipal de Educação Infantil João Franciscato, situada no bairro São José. A professora que participou da live, contou que a primeira preocupação da Escola para com as famílias era saber das suas necessidades. Por meio de diversas redes sociais, e-mail e ligações diretas para as famílias sem acesso à internet, foi percebido que as famílias necessitavam mais conversas esclarecedoras sobre os cuidados necessários na quarentena. Além de que a escola teve ganhos e as reuniões pedagógicas se tornaram mais proveitosas. Para as crianças sem acesso à internet foi confeccionado pelas professoras caixas de carinho, a Diretora faz a entrega das caixas nas casas das crianças. Com as famílias mais ausentes da escola, as professoras chamam em redes sociais no privado ou por meio de ligações, a fim de entender o que está acontecendo e se está tudo bem. Além de todas as propostas a escola propõe às famílias brincadeiras, jogos e hora do conto, instigam momentos com a natureza, sempre respeitando as particularidades de cada família e de cada criança. Neste momento a professora que estava relatando essas vivências na live disse que não existem limites, data ou horas, as famílias ou as crianças maiores se comunicam com as professoras, seja com um bom dia, boa tarde, boa noite ou com dúvidas.

DIÁRIO DE PROFESSOR DURANTE A PANDEMIA.

Publicado em uma rede social.

1. Elaborar as atividades semanais.
2. Corrigir tarefas recebidas pelo e-mail;
3. Corrigir tarefas recebidas pelo WhatsApp
4. Corrigir tarefas no Portal Classroom;
5. Corrigir tarefas que foram para o Formulário Google;
6. Tirar dúvida de pais;

7. Tirar dúvida dos alunos
8. Tirar dúvida de pedagogas
9. Assistir aulas online
10. Adivinhar qual das 30 Marias que enviou uma tarefa;
11. Adivinhar qual dos 10 João que enviou outra tarefa;
12. Adivinhar qual a turma do aluno que o pai está falando, pois nem mesmo ele sabe;
13. Adivinhar quem é o aluno que fez a tarefa do Classroom, pois ele se cadastrou com o nome de gamer dele ou de alguém da família;
14. Receber bronca dos pais que preferem tarefas pelo Classroom;
15. Receber bronca dos pais que preferem tarefas impressas
16. Receber bronca dos pais que não querem nenhuma tarefa agora!
17. Receber bronca dos pais que não tem telefone, computador e internet;
18. Lavar louça;
19. Fazer almoço;
20. Cuidar da casa, cachorro, filho....
21. Ouvir um qualquer anunciar na TV que todo professor é burro!
22. Refazer o formulário, por que deu erro
23. Ouvir bipe de mensagem meia-noite
24. Desejar fazer atividade física!
25. Namorar? Pra que?
26. Descobrir por que vários alunos de cada turma não fizeram nenhuma tarefa e ainda ouvir a sugestão de que você deve ir atrás destes alunos!
27. Quantos alunos temos? 300, 400, 500, depende da disciplina.
28. Fazer relatórios para comprovar seu trabalho!
29. Participar das videoconferências!
30. Descobrir que tem live de novo
31. Colocar em dia o RCO
32. Lançar notas no RCO (mesmo tendo alunos que AINDA não fizeram atividades)
33. Enviar planilhas detalhadas que explicitam quantas e quais atividades os alunos fizeram
34. Detalhar na chamada, quais alunos estão recebendo atividades impressas!!

35. Ouvir de um bando de desavisados que estamos "de boa em casa" 😞 😞 😞
36. Ouvir desse mesmo bando que "ahh, mas vcs estão 'ganhando', não podem nem reclamar", com ar de deboche 🙄 🙄
37. Fazer formação on-line para aprender utilizar as ferramentas.
38. Depois aprender como usar as ferramentas pela visão do aluno e explicar um a um como fazer.
39. Ficar de olho em todas as atividades que vão entrar, ver a aula, ver as atividades, editar, na maioria das vezes, porque os alunos não olham o mural e vão respondendo tudo que entra.
40. Como tudo isso não conta como estar trabalhando, ainda tem que cumprir a carga horária da escola ficando "disponível" na plataforma no horário de cada aula, para provar novamente que está trabalhando.

🙌🧠 Bom dia a todos!
Autor desconhecido.

Acredito que essa contribuição é válida, pois muitas contas em redes sociais a adotaram e a fizeram visível para milhares de pessoas. Venho propor uma reflexão sobre os diversos contextos educativos, em especial aqui neste capítulo, com ênfase na pandemia global de 2020, que no Brasil se deu início no mês de março. Não refiro-me aqui que todos os males foram para a educação, mas em diversas áreas, sobretudo, os mais atingidos e sem muitas explicações foram nossas crianças.

7 Metodologia:

Esta pesquisa realizou à metodologia do tipo qualitativa, por meio de entrevistas com os sujeitos de pesquisa pela plataforma digital Google Meet. Esta plataforma foi escolhida, pois participei e interagi em outras que possibilitam ter vídeo e áudio em tempos reais, porém, a plataforma Meet ao meu ponto de vista foi a mais prudente e mais eficiente.

Os critérios para a escolha dos sujeitos desta pesquisa foi que poderiam estar cursando o último semestre de pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria ou ser educadoras da rede privada ou municipal da cidade de Santa Maria-RS, todos os sujeitos desta pesquisa deveriam estar atuando na Educação Infantil a mais de um ano. O convite foi feito de maneira online, onde em uma rede social que tem a possibilidade de trocarmos mensagens de forma rápida e prática. Feito o convite, marquei os horários e dias melhores para as pessoas que foram de acordo com a pesquisa. Foi um total de 5 (cinco) sujeitos, todas do sexo feminino, 3 (três) são professoras da rede municipal de Santa Maria, 1 (uma) é professora de rede

privada do município de Santa Maria e 1 (uma) é acadêmica do último semestre do curso de Pedagogia Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria, todas tem em comum a atuação com a Educação Infantil no mesmo município a mais de 1 (um) ano. As entrevistas tiveram no mínimo uma hora de duração, tendo uma pesquisa satisfatória e reflexiva.

Todas as cinco entrevistas foram gravadas para que as transcrições das mesmas ficassem de forma fiel ao que os sujeitos de pesquisa falaram. Foi levado em consideração que todos têm um modo para e de falar, por isso, a linguagem pode variar, pensando em como minha pesquisa tem relação com o atual momento de 2020, acredito ser de suma importância esse olhar sensível para esta pesquisa. As entrevistas foram semiestruturadas, que é um modo de flexibilizar, a entrevista semiestruturada combina perguntas fechadas e abertas, possibilitando ao entrevistado discorrer sobre o tema. (MINAYO, 2007). Assim, o assunto ocorre de forma leve e tranquila, podendo assim ser chamado de “conversa”. Tinham algumas perguntas norteadoras e levei em consideração todas as pontuações que os sujeitos apontaram no decorrer das entrevistas.

De abordagem qualitativa, consideramos que esta investigação foi do tipo analítico descritiva, Cervo afirma que uma vez que “[...] observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), sem manipulá-los”. Com isso afirmo que as respostas foram transcritas, refletidas e interpretadas, sem interferir na realidade escolhida para este estudo. Por tanto, todas as respostas foram mantidas sem qualquer influência.

Tendo uma abordagem qualitativa, onde números não têm relevância, os sujeitos da pesquisa serão entrevistados, mas como citado acima serão de forma mais espontânea possível, assim, não levando todas as perguntas, mas sim, as perguntas chaves e conseqüentemente deixando a pesquisa permear pelo decorrer da entrevista.

Para Cho e Trent (2006), o conceito da pesquisa qualitativa se atém aos dados de forma que eles não se alterem, os métodos para fazer essa pesquisa são variáveis, porém, leva-se em consideração tudo que os sujeitos de pesquisa relatam, suas opiniões e suas vivências.

Em grande medida, esse enfoque assume que a pesquisa qualitativa pode ser mais confiável na medida em que algumas técnicas, métodos e/ou estratégias sejam empregadas durante o desenvolvimento da pesquisa. Em outras palavras, técnicas são vistas como uma forma de garantir reflexão precisa da realidade (ou, ao menos, da construção da realidade pelos participantes da pesquisa). (p. 322)

Com as afirmações dos autores que amparam esta metodologia percebo que essa pesquisa, além de tudo, tem como maior objetivo explorar e observar os fatos que foram trazidos para este estudo, tendo um conceito importantíssimo, uma pesquisa viva, que procurou o atual/agora.

8 CONVERSAÇÃO VIRTUAL COM EDUCADORAS

As entrevistas/conversas que tive com meus sujeitos de pesquisa foram extremamente relevantes para que eu compreendesse e observasse o quanto os educadores estão levando em consideração as crianças. Não foi apenas um discurso, mas eu como mediadora da conversa percebi o quanto cada uma se esforça para garantir que a Educação Infantil seja importante e satisfatória para as crianças. Bem como traz Ribeiro, sobre a entrevista ser uma técnica pertinente.

A entrevista é a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores (RIBEIRO 2008 p.141).

Inicialmente fiz o convite para cinco educadoras, todas aceitaram o convite, após marquei as entrevistas, ou como eu prefiro dizer, as “conversas”. Prefiro esse termo, pois deixa mais leve e inclusive, percebi que no início, antes de eu falar que seria uma conversa, as participantes estavam mais receosas, me pareceu. Após eu evidenciar que eu gostaria que fosse de uma forma leve e que as perguntas eram apenas norteadoras e qualquer outro assunto que fossemos falando eu levaria em consideração, percebi que os sorrisos começaram a aparecer e que não estava sendo mais formal. Quando me refiro ao termo “formal” quero dizer que as palavras que geralmente utilizamos para formalidades não estavam aparecendo, mas sim palavras que falamos normalmente quando estamos conversando com pessoas mais próximas. Percebi que elas não estavam falando como se estivessem escrevendo um documento, com palavras formais e categóricas. Por este motivo, acredito ter conseguido que as respostas no decorrer da nossa conversa tenham

sido espontâneas e de coração. Pensando nisso, eu não mandei as perguntas para que elas pudessem formular alguma resposta.

Fiz algumas perguntas que iriam me nortear na conversa, foi uma experiência magnífica, a melhor sensação era ouvi-las e saber que de alguma forma minha pesquisa está indo de encontro com mais cinco pensamentos, de cinco pessoas diferentes e que o único elemento em comum é a Pedagogia.

As perguntas norteadoras foram as seguintes: Qual sua formação acadêmica e quanto tempo atua na Educação Infantil? Qual sua percepção hoje da Educação Infantil? Com suas experiências e pesquisas existem avanços significativos se tratando da Educação Infantil? Quais aspectos você utiliza para a construção de uma proposta pedagógica para E.I.? Como é a E.I. de hoje? Quais os benefícios que a escuta sensível pode trazer ou refletir na vida das nossas crianças? Está atuando no ano de 2020 com a Educação Infantil? Se sim, pode me contar como está sendo essa experiência? Para você, o que é Infância?

8.1 PRIMEIRO BLOCO

No tratamento dado às entrevistas com os sujeitos de pesquisa e para uma melhor compreensão do leitor, optei por colocá-las em bloco, pensando nas perguntas, onde ficou configurado da seguinte forma: Primeiro Bloco contém três perguntas iniciais que são: *Qual sua formação acadêmica e quanto tempo atua na Educação Infantil? Qual sua percepção hoje da Educação Infantil? Com suas experiências e pesquisas existem avanços significativos se tratando da Educação Infantil?*

Este Bloco de Perguntas preliminares, foi para dar início à nossa conversa e para que eu entendesse melhor a trajetória de cada uma. Cada uma com suas histórias e momentos que as fizeram chegar até onde chegaram, é gratificante ouvir cada uma das considerações. São tantas experiências que contribuem para que esta pesquisa se torne satisfatória. É lindo ver o orgulho que carregam consigo, ao relatar e lembrar suas raízes, até aqui. A primeira pergunta foi sobre suas experiências e formações, obtive as seguintes respostas:

Sujeito A: Sou formada em pedagogia e tenho especialização em gestão Educacional e iniciei uma especialização a pouco em educação. Eu trabalhei 09 anos educação infantil e o meu o meu primeiro contato mesmo, com as crianças, foi através dessa escola, eu trabalhei numa escola da rede privada em Ijuí e lá eu pude ter a oportunidade de ter um contato com as crianças e senti todas essas energias. Após isso, a minha experiência seguiu sendo a Educação Infantil, onde eu trabalhei numa escola da rede privada por 9 anos também. (novembro de 2020)

Sujeito B: Eu sou formada do curso de Pedagogia, estou no 10º semestre pela Universidade Federal de Santa maria, eu entrei em 2015, desde então tive poucas experiências na Educação Infantil, eu trabalhei na escola Marista, como auxiliar de infantil numa Turma do Pré B acompanhei um menino que era autista, junto dele eu realizava atividades, participava de brincadeiras, fazendo a interação dele com as outras crianças. Após eu fui para a escola onde eu trabalho até hoje.(novembro de 2020)

Sujeito C: Eu sou formada em pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria, tenho pós-graduação em psicopedagogia e curso também atualmente neuro psicopedagogia. Eu tenho 10 anos de rede Municipal de Ensino, mas tenho também outros trabalhos e estágios, inclusive fora desse tempo de prefeitura, também fui professora da Ipê Amarelo, fui estagiária de rede privada e também na própria rede Municipal em educação infantil em 3 escolas, então eu atuo desde o tempo de formação. (novembro de 2020)

Sujeito D: Assim que eu terminei o ensino médio, que naquela época era o segundo grau e depois, minha mãe me disse que eu teria que fazer um curso, só que a faculdade era em outra cidade. Eu fiz o magistério em Santa Cruz, e logo depois que eu terminei o curso a prefeitura da minha cidade me chamou pra um contrato de 10 meses, isso foi no ano 2000. Daí depois eu vim para Santa Maria, fiz uma entrevista numa escolinha particular na sexta-feira e na segunda-feira já me chamaram, eu não tinha nem roupa aqui, mas fui. Eu lembro que o salário era pingadinho, mas recebia. Daí aqui em Santa Maria saiu concurso pra professor, e eu fiz, fui chamada dois anos depois, demorou um pouco. A partir daí eu comecei com anos iniciais, depois, enquanto isso a prefeitura abriu um convênio com a UNIFRA que a prefeitura pagava metade da faculdade e eu a outra metade. Mas, só tinha Letras e Geografia, e então eu me formei em letras e continuei no município. E depois dessa escola que eu fiquei primeiro, eu fui para uma escola de educação infantil, também do município, que é a escola que eu estou até hoje, cumpria 20 horas ali e suplementava em outra escola próxima. E estou na educação Infantil até hoje. Fiz minha pós em Educação Infantil, depois deu o acaso de eu ser coordenadora da escola, e por último terminei o mestrado. (novembro de 2020)

Sujeito E: Eu me formei pela UFSM, em pedagogia licenciatura plena em 2008 e depois eu fiz tecnologias da informação e comunicação, pós-graduação e especialização também em gestão Educacional, mestrado em educação tudo pela UFSM, a titulação mais recente foi a especialização em gestão Educacional, também trabalhei concurso de especialização em gestão educação e hoje trabalho com tutora no curso de pedagogia a distância. Eu entrei no município em 2009, e hoje trabalho como professora e como coordenadora, 20 horas para cada uma dessas funções. (novembro de 2020)

Ao ouvir suas respostas e após fazer as transcrições, pude notar o orgulho de cada uma ao relatar suas experiências e caminhos percorridos antes, durante e

depois do Curso. Percebo o quanto cada uma tem coragem, pois ser pedagoga é saber que junto contigo em sala de aula, terão crianças carregadas de sonhos e esperanças.

Após as experiências e falas sobre a vida acadêmica, outras duas perguntas que também as fazem lembrar do momento em que iniciaram o Curso de Pedagogia, também cheios de memórias e vivências, afinal de contas o que é um professor sem memórias? As perguntas norteadoras são: *Qual sua percepção hoje da Educação Infantil? Com suas experiências e pesquisas existem avanços significativos se tratando da Educação Infantil?*

Sujeito A: Eu sinto que houve muitos movimentos onde surgiram profissionais que conseguiram chegar até determinadas escolas e mostrar que a criança não é, que cuidar e estar, ou ser professor não é somente alimentar, levar ao banheiro, trocar fralda alcançar o copo d'água ou passou de ser assistencialismo né, então assim, eu peguei ainda um período bem forte no local onde eu trabalhava que eu sentia isso, era assistencialismo puro praticamente, só que aos poucos assim foram surgindo outras pessoas, com outras ideias, com outras percepções. (novembro de 2020)

Sujeito B: Em geral, eu vejo que a educação Infantil está tendo perdas. Por que algumas escolas da Educação Infantil particulares, talvez conseguiram entrar em contato com os alunos, mandar alguma atividade para casa e percebi que algumas escolas do município não conseguiram alcançar a todos, não teve aquela troca, tudo aquilo que se desenvolve na educação infantil. Pra mim esse ano a Educação Infantil foi que as crianças perderam bastante coisa. Fico triste ao pensar sobre esses aspectos todos da Educação Infantil. Há muitos anos não tinha educação infantil, não era um direito da criança, era uma educação assistencialista. (novembro de 2020)

Sujeito C: Teve muito avanço, quando eu entrei na educação infantil, eu entrei na graduação em 1998, naquela época foi uma transição das políticas públicas que era atendida pela assistência social do município, a ideia era só deixar as crianças ali, a ideologia do sistema era pensando nisso. (novembro de 2020)

Sujeito D: Como a gente comentou antes, eu tive erros, e é assim, a gente vai errando e acertando, eu vejo que muitas coisas avançaram para melhor, sempre pensando mais e mais na criança. Hoje as crianças podem brincar e rolar. Mas a gente ainda vê alguém falando que a educação infantil é para os pais trabalharem. (novembro de 2020)

Sujeito E: Hoje eu consigo perceber que os perfis da escola onde eu trabalho são de pessoas, pais e mães trabalhadoras, que deixam seus filhos na escola, também para poder trabalhar, embora eu seja uma pessoa que defenda muito que a educação infantil não é um lugar pra ti deixar teu filho quando tu precisa, considerando tudo que a gente desenvolve na educação infantil, as competências, as habilidades, a base tá aí trazendo as dez competências, trabalhando com as áreas do conhecimento, que estão todos os pontos que a gente desenvolve com as crianças. (novembro de 2020)

As memórias dos acontecimentos são importantes, pois para que possamos refletir em um futuro melhor para nossos pequenos é necessário pensar que historicamente não havia infância, que isso se deu início nos anos 90, com implementações de leis.

No universo de cada indivíduo, o passado é trazido até ao presente pelas recordações que os próprios preservam de momentos anteriores da sua vida, nomeadamente de segmentos dos seus percursos escolares. Modeladas pelo tempo decorrido e pela incorporação de outras memórias (de situações/fenômenos posteriores), essas recordações inserem-se num processo de sucessivas ampliações sobre o passado escolar, que surge imbricado em múltiplas intersecções com outras dimensões do ciclo de vida de cada indivíduo. (MOGARRO, n. 17, p. 7-31, 2005)

Nestes momentos transitórios, uma Educadora relata que:

Sujeito C: Daí veio a LDB, eu peguei bem essa transição. Eu presenciei os primeiros professores contratados para a educação infantil, por que até então eram só estagiárias. Teve um concurso público e os professores foram sendo chamados e a educação infantil começou a crescer no município. Teve muitos avanços, sem contar nas leis de amparo, a própria BNCC que agora é direcionada para a escuta, para a experimentação da criança pequena, então esses avanços são muito significativos. Outra coisa é que quando eu entrei crianças de 0 a 3 anos não existiam na escola, era só a pré-escola, por que eram obrigatórios. Hoje em dia temos muitas pesquisas e livros que falam sobre os bebês e crianças menores, então acho que os avanços foram muitos. (novembro de 2020)

Ao perceber que ela falava com muita propriedade sobre as datas, percebi que esta memória é algo significativo para ela, pois seu relato se deu com uma voz de indignação, porque apenas nos anos 90, seria possível que as crianças tivessem seu direito garantido por lei, para poder ter seu desenvolvimento e potencialidades desenvolvidas.

Todos os sujeitos de pesquisa relataram sobre a Educação Assistencialista, onde as crianças teriam que ficar apenas para que seus responsáveis pudessem trabalhar, foi um posto onde todas de alguma maneira expuseram essa fase e trouxeram suas contribuições.

O sujeito A, ainda traz como contribuição que trabalhou em uma escola com esse pensamento, porém, foram chegando pessoas com pensamentos diferentes e

conseguiram mudar essa perspectiva da Educação Infantil. O sujeito de pesquisa C, lembra inclusive, que pegou essa transição em seu início de carreira.

Sujeito B: Há muitos anos não tinha educação infantil, não era um direito da criança, era uma educação assistencialista. (novembro de 2020)

Sujeito C: a ideologia do sistema era pensando nisso. (novembro de 2020)

Sujeito D: Mas a gente ainda vê alguém falando que a educação infantil é para os pais trabalharem. (novembro de 2020)

Mesmo que ainda haja pensamentos de que a escola de Educação Infantil deve ser assistencialista, acredito que passamos por um processo de avanço neste aspecto, pois a partir do momento em que adultos, responsáveis e educadores, começam a perceber que as crianças têm suas preferências e pensamentos próprios, acontece uma nova forma de pensar em crianças e em infância.

8.2 Segundo Bloco

No segundo bloco, quero que façamos uma reflexão sobre: Quais aspectos você utiliza para a construção de uma proposta pedagógica para E.I.? Como é a E.I. de hoje?

Cada professor se identifica com uma maneira de criar suas propostas e leva em consideração como é a educação de hoje, por que precisamos contemplar as crianças que não são as mesmas de um ano para outro, elas vivem em constantes mudanças, pois vão percebendo cada nova possibilidade e cada descoberta, dessa forma vão acrescentando em sua bagagem de vida. Se tratando dos aspectos levados em consideração nos planejamentos as educadoras responderam que:

Sujeito A: A escuta né, eu escuto as crianças. A escuta porque não há planejamento sem exercer a escuta, tu pode desenvolver, se tu fizer um planejamento sem a escuta das crianças, mas talvez não seja nada do interesse deles. (novembro de 2020)

Sujeito B: Primeiramente as crianças e segundo, quando eu penso nas propostas pra eles, eu penso no que eles vão gostar, tento pensar em coisas práticas que eles vão aproveitar ao máximo. Tento fazer propostas diversas, com mais coisas para eles explorarem. Tento também, levar propostas que a partir daquilo possam surgir questionamentos, curiosidades, que a partir disso eles possam criar e recriar. (novembro de 2020)

Sujeito C: Eu acredito muito que o planejamento que eu faço vai muito da turma que eu to, eu já tive vários tipos de turma, que a dinâmica mudava, já teve turma que primeiro tinha que chegar e ser mais tranquilo as propostas, que só rendia algo após o meio da manhã, assim como também teve turma que tinham que ser várias propostas dinâmicas, por que eles necessitavam, eram muito curiosos, então o planejamento vai muito do que e como é a turma. E assim vão indo as pesquisas de sala de aula, os interesses. *(novembro de 2020)*

Sujeito D: Então a gente tenta levar em consideração todos os direitos de aprendizagem né?! E mesmo agora, a gente tenta pensar nos campos de experiência, que eles brincam, que eles explorem, que eles possam experimentar. *(novembro de 2020)*

Sujeito E: Primeiro na escola a gente trabalha com projetos então as nossas propostas a temática delas segue sempre o que a gente tá trabalhando com projetos sempre não, mas de maneira geral tinha a gente tenta aliar essa proposta com a temática que a gente tá trabalhando, depois eu penso em que habilidades eu vou querer explorar daquela criança, por exemplo, se eu vou querer explorar a motricidade fina, como que vai ser a questão da interação partindo dos Campos de experiência. Depois eu penso na questão se os alunos vão conseguir fazer aquilo, considerando o desenvolvimento que eles já estão. *(novembro de 2020)*

Então após essas falas, acredito que podemos perceber o quanto existe a visão e o pensamento de que as contribuições das crianças são essenciais para que haja um planejamento para a criança.

Sujeito de pesquisa A, traz uma contribuição sobre um momento que vivenciou, que a marcou, em uma das escolas em que ela trabalhou o planejamento era pensado apenas pela professora, as crianças não eram levadas em consideração, por que segundo alguns profissionais das escolas diziam que criança não mandava em professor. Abaixo trago a fala dela sobre esse assunto, pois acho extremamente importante.

Sujeito A: Porque eu passei por isso, logo que eu entrei era tão engessado que eu não conseguia colocar e Expor a minha maneira de trabalhar, então eu tinha que seguir uma linha né, e ali era essa então a linha, era eu planejar e eu cheguei a fazer isso, eu sofri né, eu sofri porque eu sabia que não era o meu estilo de trabalho, aquele né de trabalhar sem realizar escuta, mas era imposto essa forma né, “Deus me livre eu vou tá fazendo o quê as crianças estão me dizendo que é para fazer sendo que adulta sou eu, eu sou professora da sala, criança não manda” (novembro de 2020)

Vemos que a Educação Infantil já caminhou bastante, mas ainda há um longo percurso a caminhar.

As reflexões para a pergunta que encerra este bloco é: Como é a E.I. de

hoje? Como estão sendo as experiências de quem está trabalhando com a prática na Educação Infantil?

Sujeito A: Pois é, sabe que essa questão da pandemia, isso foi uma coisa que nos pegou tão de surpresa né?! Que uma coisa é fato, a tecnologia ela estará presente na vida da gente agora para o resto da vida. Não estou trabalhando com prática educacional este ano. (novembro de 2020)

Sujeito B: Pra mim esse ano a Educação Infantil foi que as crianças perderam bastante coisa. Fico triste ao pensar sobre esses aspectos todos da Educação Infantil. Não estou atuando com a prática neste ano de 2020. (novembro de 2020)

Sujeito C: Essa equidade que a gente tanto fala nesse ano de 2020 eu só consegui depois que eu fui até as casas das crianças, entregar para todos, no bairro onde as crianças moram, que é o mesmo da escola, a internet é péssima, e nem todos tem acesso, então essa foi a melhor maneira de chegar a todas as crianças, entregando os kits pedagógicos, que daí eu sei que todos têm o mesmo material e de que estão fazendo, e se não estão daí é a organização da família. (novembro de 2020)

Sujeito D: É... Ali na escola a gente tá tentando manter o vínculo né, esse vínculo próximo com as crianças e tal, e as professoras estão com umas propostas bem interessantes, só que agora já tô notando que as famílias e professoras estão cansadas, sabe?! E eu também já tô cansando, porque assim, tu busca, tu olha, tu faz live, tu vê coisas para melhorar, para propor algumas coisas diferenciadas né, de acordo com aquilo que a gente tá estudando e assim temos pouco retorno, parece que tem que estar implorando para esses mães, para essas famílias dar um retorno sabe?! (novembro de 2020)

Sujeito E: a orientação é que para pré-escola seja de uma atividade na semana e se passa uma interação na semana as nossas interações elas não são síncronas, pensando justamente que tu vai fazer uma chamada pelo meet, uma criança ele vai ver dois três colegas na tela para conseguir ver todos pensando que não é possível isso então as nossas atividades de interação elas são assíncronas, pelos grupos de interação. E para a creche a gente pede para que as famílias mandem um retorno por áudios ou vídeos. No início a gente tinha uma aceitação de todas as turmas, de Berçário 2 a Pré escola. Depois de um certo tempo, percebemos que as famílias estavam cansadas. (novembro de 2020)

Dentre as cinco entrevistadas, uma está afastada desde o final de 2019, porém ainda mantém vínculo com a escola, uma se manteve em 2019 através de trabalho remoto, porém sem contato com as crianças, as outras três estão atuando diretamente com as crianças e famílias, este contato se manteve por redes sociais, por ligações telefônicas e por entregas de kits nas casas ou nas escolas para que as famílias tivessem acesso.

8.3 Terceiro Bloco

A pergunta norteadora deste terceiro bloco é: Quais os benefícios que a escuta sensível pode trazer ou refletir na vida das nossas crianças?

Esta pergunta vai de encontro com meu trabalho inteiro, não teria como ter avançado com a Educação Infantil e ainda estar evoluindo se não houver uma escuta sensível. Abaixo cada uma das respostas:

Sujeito A: A criança é muito importante, são vidas que estamos potencializando. (novembro de 2020)

Sujeito B: Eu acho que se nós temos uma escuta sensível, conseguimos identificar as dificuldades dela, identificar os medos né, a gente consegue identificar o que ela consegue fazer e o que ela gostaria de fazer, se eu não tenho a escuta com as crianças, posso colocar um vídeo, fazer todo mundo dançar e deu. Se eu quero desenvolver a criança com plenitude, com que ela se sintam bem de fazer aquilo, que seja algo positivo, eu preciso escutar todos eles. O maior dano que pode se causar em uma criança são os traumas. (novembro de 2020)

Sujeito C: Os benefícios eu penso que são emocionais, sobretudo hoje em dia, as competências emocionais. (novembro de 2020)

Sujeito E: ter um olhar sensível e uma escuta sensível é também dá atenção aquilo que tá chamando atenção das crianças, é focar nessas curiosidades deles, nessas experiências, e quando a gente fala em considerar as vivências é isso, o que a gente planeja não pode ser fechado e que se tem algo que está chamando a atenção das crianças a gente pode tirar uma experiência daquilo ali, claro que tem momentos que tu tenta fazer com que as crianças prestem atenção, aí eu comentava anteriormente que a nossa escola é um pouco tradicional, não é aquela coisa que as crianças fazem o que querem e na hora que querem, eles têm um horário pra fazer a refeição, eles tem o horário das turmas que dormem para dormir. Então ter a escuta e o olhar sensível é perceber que a criança está com sono e não obrigar ela a fazer a atividade, é perceber que naquele momento a criança não está com fome, e que talvez mais tarde ela vai estar com fome. Penso que a sensibilidade se dá também nesses momentos. (novembro de 2020)

Para que as crianças sejam protagonistas da sala de aula, é necessário escutá-las de um modo que mais ninguém escute e vê-las de uma maneira que ninguém enxerga. E como foi citado no referencial teórico, a docência apenas existe porque temos crianças.

8.4 Quarto Bloco

Percebi que a última pergunta que fiz, foi a que despertou mais surpresa, “O

que é infância?”. Não por ser difícil, mas por não ter apenas um conceito, de tudo o que foi falado, no decorrer da conversa vi uma boniteza diferente nesse, percebi no semblante de cada uma, um sorriso diferente, um sorriso de felicidade, de lembrar das suas infâncias, das recordações das salas de aula, com as crianças presentes. Consegui, por meio das palavras e sorrisos, sentir um turbilhão de sentimentos bons, sentimentos esses que podem motivar a qualquer um.

Então para fechar os Blocos de Entrevistas, a pergunta: “O que é infância?” Ao escutar as respostas fiquei emocionada, pois a sensibilidade de cada uma, além do profissionalismo e comprometimento com nossos pequenos é algo que cativa e motiva. É possível perceber que a infância tem várias faces, cada pessoa pondera porque tem uma vivência pessoal e com seus alunos, a construção desse pensamento se dá ao longo da vida e das leituras e pesquisas que se faz.

Sujeito A: Ai Flávia, infância, quando me fala infância, isso já pensei viu?! Infância pra mim é poder ser criança entendeu, é assim, é poder fazer tudo que a gente quer sabe?! Tudo que a gente gosta, poder tomar banho de chuva tomar banho de mangueira, correr na calçada da rua, deitar na grama e rolar, olhar as nuvens, ai a infância pra mim é algo doce, algo terno, é algo maravilhoso, são tantas coisas boas, é amor né, não existe infância sem o amor né, sem sonhos, sem a imaginação. Ah é isso tudo, é tudo... tudo! (novembro de 2020)

Sujeito B: Primeiramente não existe uma única infância né, cada um vive a sua infância nas condições de cada família, a minha infância é diferente da tua, mas acho em geral é poder aproveitar tudo sabe, é descobrir, não tem medo de falar as coisas, é tocar nas coisas e sair correndo, é aquela inocência, sentar no sofá pra ver desenho ou fazer qualquer outra coisa, viver a infância é viver livre, não digo livre de maneira que ela faça tudo o que ela quiser na hora que ela quiser, mas permitir que a criança experiencie. Porque enquanto a gente é criança a gente pode, quase tudo, e quando é adulto existem outras responsabilidades. É não ter um peso adultocêntrico. (novembro de 2020)

Sujeito C: Ai Que difícil né (risos), aí definições de Infância, no meu pensamento é uma fase da vida que deveria permanecer para toda ela. Eu sou muito infância ainda, e acho que ela começa quando a gente nasce, mas que ela tem que perdurar para todo sempre, por toda vida e como educadora tenho a responsabilidade de tornar isso real né, de fazer com que as crianças vivenciam suas infâncias, dentro dos seus direitos, do respeito e da valorização que eles merecem e é isso, e não se omitir né. (novembro de 2020)

Sujeito D: A infância é o mundo que tu tem que proporcionar, que tu tem que permitir, tu tem que experienciar, tu precisa usar os direitos de aprendizagem, a infância é o ser que tu tem que escutar, que tu tem que conduzir, que muitas vezes têm que pegar pela mão e apresentar esse mundo, é um ser de direitos, acho que esses são os conceitos de uma educação Infantil sabe?! Eu vejo isso na escola onde eu trabalho, a gente tenta proporcionar coisas pra eles que talvez a família não consiga, nós tentamos levar para teatro, levar para shopping, possibilitando vivências.

*Então pra mim infância é abrir esses horizontes, é possibilitar uma infância.
(novembro de 2020)*

Sujeito E: A infância para mim ela remete a alegria, felicidade, a rir, a brincar, aprender limites, aprender valores, eu penso que é nessa faixa etária que as crianças estão se construindo, estão aprendendo o que é bom, o que não é bom então a infância para mim ela deveria sempre ter alegria e a felicidade e depois sim é um momento de construção de valores e de regras e de limites não é uma definição fechada mas é como eu penso deveria ser a infância. (novembro de 2020)

Ao ler as respostas é possível perceber que não tem como existir um único conceito que possa definir esta única palavra. Para Arroyo, 1994, a partir de cada vivência, experimentação e ao entrar no curso os conceitos se ampliam, todas as crianças têm uma infância diferente da outra. As infâncias são distintas e variam de uma criança para outra.

9 Considerações Finais

Em fevereiro de 2020, fiz minhas duas únicas e últimas matrículas no Curso que sou matriculada que é Pedagogia Licenciatura Plena Noturno, as matrículas foram para Estágio Supervisionado em Anos Iniciais e para o Trabalho de Conclusão de Curso, a princípio estaria tudo certo, para ser o ano da minha formatura, o ano em que um ciclo se fecharia, após os cinco anos de graduação, enfim, seria Pedagoga. Entretanto, os momentos mudaram, alguns planos foram adiados, perdemos vidas no mundo inteiro devido a uma Pandemia Mundial, causada pelo Covid-19, Coronavírus. A Universidade Federal de Santa Maria iniciou as aulas dia 10 de março, logo após foram suspensas as aulas presenciais nas redes de ensino. Em Santa Maria-RS, foi feito ainda no final de março quarentena, onde somente os serviços essenciais atenderiam ao público.

Inicialmente pensei que seria algo que se resolveria em alguns dias, porém, em janeiro de 2021 se completaram dez meses de distanciamento social e ainda não sabemos quando estaremos em segurança. De todos os serviços e atendimentos ao público, a educação é a área que em Santa Maria-RS, o retorno presencial foi algo que foi cogitado, porém a classificação das bandeiras, muda a cada semana e devido ao alto risco de contaminação, visando que as instituições de ensino seriam grandes centros de foco de contágio, por enquanto está sendo preferível aguardar novas recomendações seguras e a chegada da tão esperada vacina.

Por muitas noites tive insônia, falta de apetite. Esses momentos de incertezas foram extremamente agressivos com cada pessoa e comigo foi dessa forma. Eu já não conseguia ter um desempenho satisfatório, a concentração para escrita e leitura se tornou um desafio gigantesco, sempre fui muito focada nas minhas demandas, porém, em 2020 não foi assim, não fui eu quem decidia os momentos. Neste ano de 2020, junto a tantas tristezas, o sentimento é de gratidão, pois o ano foi difícil, porém estamos aqui para podermos ser melhores. Eu disse anteriormente que não fui eu quem levou a pesquisa deste trabalho para frente, foi a pesquisa que me levou até aqui. Foram os momentos que vinham acontecendo, as reflexões iam surgindo, as leituras começaram a se tornar mais prazerosas, sem a necessidade de me apressar para que eu terminasse a leitura o mais rápido possível.

Para a escrita do Referencial Teórico, utilizei a forma de pensamento: O que

eu como leitora gostaria de saber? Quais são os temas que seriam relevantes e satisfatórios para que haja um entendimento do foco do meu trabalho? A escrita que devo utilizar é uma escrita leve ou mais robotizada?

Para esses questionamentos fui pensando aos poucos e a cada orientação com minha Professora Orientadora as ideias iam se configurando e os caminhos iam clareando. Acredito que nós duas trabalhamos em sintonia e por poder trabalhar desta forma fez com que a pesquisa fluísse de um modo tão bonito, sendo leve e ao mesmo tempo tranquilizante. Desta forma percebo que o leitor ao ler cada parágrafo, consegue conhecer um pouco de mim e entender a sintonia que Professora Lúcia e eu tivemos, é algo que pode ser sentido. Consegui de uma forma breve abordar capítulos e subcapítulos, contribuí com o que acho de mais relevante para este momento de Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao finalizar o referencial teórico, foi necessário pensar em como seria a metodologia de pesquisa, visando que não poderia ser nada presencialmente. Inicialmente tinha a ideia de fazermos um questionário online, porém não gostaríamos de apenas receber as respostas prontas. Então Professora Lúcia e eu pensamos em fazermos entrevistas, desta forma eu poderia sentir e ver o que cada entrevistada falava, poderia ver em seus rostos a satisfação de estar na área da educação infantil. Desta forma inclusive, eu poderia ter mais coletas de dados relevantes para a pesquisa. Fiz primeiramente a definição de quem poderia fazer parte das entrevistas, após fiz cinco convites, todos com retorno positivo de que poderíamos iniciar com a metodologia. A experiência de fazer esta pesquisa de metodologia qualitativa a distância, podendo vê-las mesmo que virtualmente foi única e um dos momentos que 2020 nos permitiu. Foi possível estar cada uma em sua casa, nossa conversa foi serena e descontraída, esta fase foi propícia para todos os resultados que obtive nas respostas. Com as perguntas semiestruturadas foi possível ter um momento oportuno para que outros assuntos surgissem. Além de ter sido um momento de pesquisa, também proporcionou momentos de descontração, de risadas, de reflexões e pensamentos parecidos e outros nem tanto.

Após ter feito as entrevistas foi feito as transcrições, a primeira transcrição feita, não foi feito recorte nenhum, após fiz a segunda etapa, fiz o tratamento das respostas, onde fiz os recortes de tudo que foi falado, porém não adicionei nenhuma

palavra ou algo que pudesse modificar a forma que os sujeitos de pesquisa quiseram expor suas experiências e ideias. Então o próximo tratamento foi colocá-los em blocos de perguntas, fazendo reflexão e ao mesmo tempo podendo entender as posições de cada uma das entrevistadas. Foi possível perceber, como já escrevi anteriormente, que as respostas foram elaboradas na hora em que estávamos conversando. Foi extremamente satisfatória e contribuiu para muitas reflexões nesta pesquisa.

Nesta pesquisa foi explorado e refletido sobre diferentes visões docentes. Mesmo que todas tenham um modo para falar, percebi que as ideias e construção de pensamentos se baseiam e se entrelaçam de uma forma como se cada uma se conhecesse e trabalhassem juntas, porém acredito que todas essas características que percebi, é pelo fato de que todas estão procurando pesquisas, leituras e autores que contribuem para que o amparo teórico seja condizente com os princípios educacionais que amparam a Educação Infantil.

A problematização e objetivos que trouxe para esta pesquisa ocorreu porque minhas dúvidas ao final do curso, eram de saber se a escuta sensível acontecia em sala de aula, ou era apenas teoria? Se os educadores pensam em ter as crianças como protagonistas em um planejamento? Seus direitos estão sendo exercidos na prática de sala de aula? Então quando as problematizações iam surgindo, eu as anotava e passava a refletir sobre como seria abordado.

Foi importantíssimo saber que a Educação Infantil passou por diversas modificações, mas que ainda os professores continuam em busca de mais conhecimentos, cursos, a fim de contribuir com as práticas vividas por eles em sala de aula. Foi satisfatório para mim ouvi-las e perceber que as crianças com essas cinco profissionais terão seus protagonismos garantidos, que as brincadeiras serão levadas em consideração a cada novo desenvolvimento de propostas, atrelando as considerações da equipe de coordenação pedagógica e com as necessidades de cada turma.

Acredito ter sido primordial para minha construção profissional ter ouvido os cinco sujeitos de pesquisa, tentei ao máximo colocar em prática o que eu tanto trouxe em evidência aqui nesta pesquisa, a escuta sensível e olhar atento, das entrevistas até o tratamento que dei para trazer o melhor para esta pesquisa.

Com todos os melhores sentimentos que até aqui me rodearam, com muita gratidão e felicidade, erros e acertos. Encerro este Trabalho de Conclusão de Curso, por meio do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno, pela Universidade Federal de Santa Maria-RS, agradeço por esse caminho que percorri até aqui.

Em anexo deixo a entrevista completa que fiz com as cinco educadoras.

FIM!

10 BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.

ARENDT, H. "Entre o passado e o futuro" 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARROYO, Miguel González. A construção social da infância. In: *Infância na ciranda da educação: uma política pedagógica para zero a seis anos*. Belo Horizonte: CAPE, 1994, p. 11-7.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância**. Campinas: Acadêmico de bolso, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998. v.2.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9394/96**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996.

_____. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais da Educação Infantil**. Brasília, 2018. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=141451-public-mec-web-isbn-2019-003&category_slug=2020&Itemid=30192 > Acesso em setembro de 2020.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 2010**. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192 > . Acesso em setembro de 2020.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CERIZARA, B. Rousseau. **A educação na Infância**. São Paulo: Scipione, 1990.

CHO, Jeasik; TRENT, Allen. Validity in qualitative research revisited. **Qualitative Research Journal**, v. 6, n. 3, p. 319-340, 2006.

CUNHA, Nylce Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Vetor, 2001.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

_____, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa escrever**. São Paulo: Editora Olho d'água. , p. 09. 1997.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GHIRALDELLI, P. Jr (Org). **O que é filosofia da educação?** Rio de Janeiro: DP&A, 2000. _____. **Infância, Escola e Modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

LIMA, José Milton de; MOREIRA, Tony Aparecido; LIMA, Márcia Regina Canhoto de. **A Sociologia da Infância e a Educação Infantil: Outro Olhar para as crianças e suas culturas**. IN: Revista Contrapontos Eletrônica, Vol.14, n. 1, p. 95-110, jan/abr. 2014.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Atividades lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOGARRO, Maria João. **Memórias de Professores Discursos orais sobre a formação e a profissão**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 17, p. 7-31, abr. 2005.

NUNES, Lúcia F.R. **Álbum de Família: História de Vida de Olga Reverbel**. Dissertação (Mestrado). Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria-RS, 2003.

_____. Lúcia F.R. **Repertório de Clown na Educação: Elementos de uma Pedagogia da Palhaça na Formação de Professores**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, 2016.

RIBEIRO, Elisa. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martin Fontes, 1995.

VIANNA, Cláudia Pereira. **“O sexo e o gênero da docência”**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 17-18, p. 81-103, 2001-2002.

11 AS ENTREVISTAS COMPLETAS

As letras em negrito são as minhas contribuições.

11.1 Sujeito de pesquisa A

“Eu gostaria que de início tu começasse a apresentar a tua formação acadêmica e poder falar um pouco de ti.”

“Sou formada em pedagogia e tenho especialização em gestão Educacional e iniciei uma especialização a pouco em educação. Eu trabalhei 09 anos educação infantil e o meu o meu primeiro contato mesmo, com as crianças, foi através dessa escola, eu trabalhei numa escola da rede privada em Ijuí e lá eu pude ter a oportunidade de ter um contato com as crianças e senti todas essa energia, porque quando a gente tá em formação a gente vê a teoria que na realidade ela vai se agregando a prática, mas que não é bem aquilo né, que a gente vê que não funciona como gostaria, como dizem os livros quando a gente aprende, na verdade a prática traz uma bagagem bem interessante pra nós e a Educação Infantil, o primeiro contato em uma escola de rede privada onde eu me apaixonei mais ainda pela profissão. Após isso, a minha experiência seguiu sendo a Educação Infantil, onde eu trabalhei numa escola da rede privada por 9 anos também.”

Das suas experiências educacionais acho que tu já falou se quer falar mais alguma coisa da experiência.

É isso, uma outra experiência que foi relevante foi meu estágio numa turma de primeiro ano, foi lindo todo o trabalho, a gente levou tanta coisa nova, eu fiz tanta coisa, eu não tinha muito domínio de turma né porque é novo que foi isso que me falta um pouquinho lá no começo, mas eu via que a cada atividade que eu levava os olhinhos brilhavam. Me marcou bastante esse estágio. Nesse estágio eu aprendi tudo que eu podia, e se eu precisava corrigir alguma coisa também consegui perceber ali, porque querendo ou não, quando a gente fica só na Educação Infantil, passa algumas coisas, eu acho que deveria ter aquela troca sabe, de vez em quando, pra gente ter aquele olhar do Ensino Fundamental né, ou levar um pouquinho da Educação Infantil e vice-versa, poderia ter uma troca. E eu consegui tirar proveito disso e perceber isso com os estágios.

“Essa ruptura da educação infantil para os anos iniciais é algo que deveria ser mais conversado, né?”

“Eu penso exatamente assim sabe Flávia, eu vou ter contado uma experiência minha dentro de casa porque assim a gente é mãe e professora né, então muito a gente enxerga nos filhos da gente tem coisas que a gente acaba se dedicando tanto a escola que não se acaba não percebendo né mas uma coisa que aconteceu com a minha filha com a Nicole não acontecendo agora a Nicole podia ter antecipado, chegou uma época chegou que quando as crianças podiam entrar com 6 anos no primeiro ano, e pra ela eu preferi não colocar, por que eu vi que ela não tinha maturidade. Só que ela fez um nível B sem brincar, sabe? Mas isso eu cobrei e procurei incentivar ela a pedir para a professora e dizer qual brincadeira poderia ser feita, só que a turma era tão boa que as crianças aceitavam tudo aquilo que era proposto e não reclamavam disso. Eles faziam muita atividade no papel e era muita pintura de lápis de cor e a pintura tinha que estar perfeita.”

“O que aconteceu no primeiro ano com a Nicole nos trouxe problemas assim Seríssimo porque a professora dava uma atividade para apostila né ou é o xerox para professora dava uma quantidade mínima que era que tinha só que perceber e entender pra professora poder ver se a Nicole podia pintar e ela se recusava a fazer a atividade se recusava a fazer porque ela queria brincar ela não queria saber de estudar, por mais que nós proporcionasse esse momento em casa, a maior parte do tempo como a gente trabalhava pra fora e ela ficava na escola, então hoje, ela tá no quarto ano e eu tenho sérios problemas com relação ao estudo, ela não gosta de estudar, ela não quer saber, ela não quer saber de uma pintura, ela não quer saber de estudo, ela gosta de brincar, de coisas diferentes, de artes, ela gosta de pular corda.”

“Às vezes a gente vê que tem colegas da Educação Infantil que, eu acho que falta um pouco de preparo. Por isso eu acho que tem que se falar mais dessa transição. Alguns professores pegam um pré B e acham que deve dar início a alfabetização e não é isso. As crianças têm que ser os protagonistas das ações, falta essa informação, esse diálogo sabe? É um ponto muito importante para realizar um debate, de promover estudos e questionamentos da Educação Infantil principalmente pré B, para os anos iniciais, para cuidar da Educação infantil e não

atrapalhar os anos iniciais. E lá nos anos iniciais mostrar para as crianças que eles podem sim mostrar as suas ideias e opiniões e que eles ainda são crianças, que eles são capazes, eu tenho isso dentro de mim sabe, eu acredito que as crianças são capazes.”

“Eu acho lindo isso, eu sempre digo não basta só gostar tem que acreditar no que tu está fazendo e propondo. Eu vou pular para uma outra pergunta, desde quando tu iniciou seus estágios ou até mesmo no início da graduação, tu acha que teve muitos avanços para a Educação Infantil, qual teu olhar a respeito disso?”

“Eu sinto que houve muitos movimentos onde surgiram profissionais que conseguiram chegar até determinadas escolas e mostrar que a criança não é, que cuidar e estar, ou ser professor não é somente alimentar, levar ao banheiro, trocar fralda alcançar o copo d’água ou passou de ser assistencialismo né, então assim, eu peguei ainda um período bem forte no local onde eu trabalhava que eu sentia isso, era assistencialismo puro praticamente, só que aos poucos assim foram surgindo outras pessoas, com outras ideias, com outras percepções e aí foram mostrando apontando de que a criança não é só que aos poucos assim foram surgindo outras pessoas, com outras ideias, com outras percepções e aí foram mostrando e apontando de que a criança não é só isso, a criança não é um robozinho, a criança pensa, sente, fala, expressa, a criança é um ser humano. Então eu percebi que aos poucos isso foi mudando, mas que ainda há muito uma coisa tão forte, sabe uma educação que é histórica essa parte de educação assistencialismo muito forte, ainda mais na escola é um pouco difícil da gente conseguir tocar esse profissional que está ali trabalhando com as crianças que passa disso é além disso a educação infantil é muito mais do que ser assistencialismo. A gente precisa acreditar na capacidade deles. Quando eu comecei a trabalhar com a Educação Infantil eu percebia sim, que as coisas eram engessadas e que aos poucos as coisas foram mudando, mas ainda há muito o que mudar para que as pessoas entendam que criança é criança, criança precisa ter um olhar de empatia, ela precisa ter um olhar de cuidado.”

“Tem dias que eu venho pensando em algumas coisas e eu acho que agora eu posso falar no local certo, pra pessoa certa. Hoje em dia pra gente trabalhar com

criança, a pessoa que vai fazer pedagogia, e eu sei que eu te conheço né Flávia, eu sei como tu trabalha, mas isso é uma coisa, que assim tem que levar em consideração, um dia tu vai ser Regente de sala, de turma, e tu vai ter uma estagiária ou uma auxiliar contigo, estar em sala de aula, vai além de amar pedagogia, a gente precisa ter uma visão de que tu estar frente ao aluno é tudo para ele naquele momento, o exemplo, tu é a vida, tu é tudo para aquela criança. Então pensa assim, os pais te deixaram aquela criança pra ti e tu está com a vida dela nas tuas mãos e o que eu vou fazer? Eu vou dar o melhor de mim como pessoa, vou dar o melhor para aquela criança, pra sala de aula, para os alunos, eu vou usar todos os meus sentidos ,os olhos ,nos ouvidos, o Diálogo, eu tenho que estar ali de corpo, alma e coração para todas aquelas crianças e para isso é muito importante nós estarmos psicologicamente amparadas, por que as adversidades surgem e nos pegam de surpresa e às vezes a gente vai enfrentar algumas questões em sala de aula, que a gente precisa reconhecer que a gente não consegue, ver o que eu vou fazer, eu preciso de ajuda e eu preciso reconhecer que eu preciso de ajuda, eu tenho que reconhecer e eu às vezes não vou saber lidar com algumas situações que eu às vezes vou errar né, então eu preciso desse amparo psicológico e de uma coordenação que esteja junto. As falhas acontecem e elas podem ficar para a vida inteira.”

“Esse trabalho conjunto é muito importante né?! A sala de aula não é só a professora e os alunos, é uma escola inteira, são os pais juntos, é a família, os alunos, a professora, a coordenação e direção enfim quem puder contribuir para um bom desenvolvimento desse espaço. Eu também acho importante cativar, cativar os alunos, a tua estagiária ou auxiliar, essa parte pode abrir mais ainda os horizontes de quem está em processo de aprendizado.”

“Bem isso Flávia, eu acho que tem que existir uma sintonia dentro da sala de aula e jamais pode haver essa questão de hierarquia e nem fazer diferenças frente as crianças porque o respeito que eles vão ter por nós vai ser o mesmo, entendeu?! Nós duas vamos ser as professoras para eles, eles vão dizer auxiliar ou a professora, e essa distinção, ela parece que diminui sabe o trabalho de auxiliar está fazendo dentro da sala de aula e até para os pais né, mas, na verdade, as auxiliares ou estagiárias passam mais tempo com a criança do que a professora, então tem questões que podem sim responder e ajudar também.. Eu quiser passa o dia todo

que eu tenho conta professor né eu sei que ele foi isso que eu falei Pode me responder não tem problema nenhum e ajudar também né assim quando a sintonia que nem aconteceu com nós o trabalho rende muito mais as crianças desenvolvem mais sabe?!”

“Você sabe o que faz, é a alegria que a gente carrega dentro do coração, aquele sentimento de missão cumprida, aí quando chega no final a gente tá cansada mas pensa, *eu não fiz sozinha*, aí é muito legal, eu gosto trabalhar assim eu gosto, gosto muito da pessoa vem com uma energia boa, que quer fazer a diferença para cada criança. É bom trabalhar e ter uma pessoa ali contigo pra dividir as coisas da sala de aula. Eu tive uma estagiária que veio falar comigo há um tempo atrás e ela me disse que nunca esqueceu de uma coisa, da cadeira do pensamento e ela disse assim, hoje mais do que nunca eu consigo ver tudo que tu tentava me dizer, porque ela era de acordo com, ela aceitou a minha a minha colocação mas ela era de acordo tipo de retirar criança do lugar que ela estava e dizer pra criança que vai sentar aí porque tu fez isso errado sabe?! Aí ela me disse: *hoje eu penso diferente porque eu não gostaria que fizesse isso com meu filho, eu não gostaria que tirassem ele e colocar ele sentado pra pensar, mas encontrar uma outra forma de dizer, né*. Mas isso daí a gente foi desempenhando muito tranquilo, Não precisei te dizer nada sobre né, até acho que eu aprendi mais contigo, na maneira de chegar nas crianças porque eu sou meio assim às vezes meio ogra (risos) ou muitas vezes está no calor da emoção, assim daí a gente já fala é mas não é esse tipo de chegar de falar de explicar a gente já diz o que aconteceu a gente diz para criança se acalmar encontra uma maneira para ela se acalmar e conseguir perceber a onde foi que ela errou e o que ela não podia fazer mais né.”

“E as crianças sentem tudo, se não tiver uma sintonia legal em sala, as propostas não serão aproveitadas da forma que era para ser.”

“Sentem! Sentem tudo, e aí se não tem uma sintonia boa entre estagiária e professor, nada dá certo e aí é culpa de quem culpa das crianças mas é só um pouquinho né quem é que tinha que tá passando tranquilidade do mundo por mais que seja difícil né.”

“Sobre a cadeira do pensamento eu penso que aos poucos a gente vai lendo a gente vai pesquisando, estive estudando e esses dias eu li uma coisa que nossa, eu parei para pensar, foi assim mais ou menos, porque é um castigo

pensar? é um castigo refletir? e por que tu coloca sentado para pensar? Isso é quase dizer para a criança que pensar é uma coisa negativa, toda vez que ela fizer algo errado vai sentar e pensar.”

Isso, muitas pessoas têm a visão distorcida do pensar, porque que às vezes as pessoas precisam de ajuda e digo que as pessoas têm dificuldade de procurar ajuda porque para ti conversar com alguém tu vai ter que pensar nos seus problemas ou porque tu tá errado aí tu vai ter gente que tu tá errado. Mas pensar é uma coisa boa, não precisa ser associado ao castigo.

“Eu ainda peguei uma fase que o castigo era pensar de joelho atrás da porta.”

“Nós quando éramos pequenas era ficar de pé de costas uma pra outra, geralmente era conflito entre as irmãs.”

“Eu nunca entendi isso, sabe? Do castigo, até eu entrar no curso e entender cada pessoa, seja ela quem for teve uma história, passou por algumas coisas ruins e que os julgamentos são desnecessários, por que tu não sabe como foi a infância por exemplo da avó, dos tios, que a 50/40 anos atrás era muito difícil, não tinha ninguém que dissesse que a criança é algo valioso. Hoje no último ano de pedagogia eu me orgulho de pensar dessa forma e de tentar entender. Hoje eu tento corrigir com meu filho, por exemplo, a gente tenta fazer ele perceber que está errado e quando estamos nervosos ou bravos a gente faz uma meditação que é: *Cheira Flor, Sopra Velinha*. E as coisas vão se ajeitando.”

“Exige esforço sabe Flávia, tem esforços que precisam ser feitos sabe, é porque a educação tradicionalista faz isso com a pessoa, ela acomoda sabe, daí se torna fácil porque daí tu como profissional diz pro aluno que ele vai ficar ali e vai ficar sentadinho ou agora tu tá de castigo ou agora tu vai ficar sentado aqui, daí a criança fica quieta ali e não faz nada.”

“O estágio vem para isso eu acho, para vermos as inúmeras possibilidades que temos de mudar algumas coisas, como por exemplo, ou tu fica no comodismo ou tu será incansável na busca por potencializar cada descobertas das crianças.”

“Uma coisa eu quero te dizer Flávia, é que quando a gente é nova, que a gente

chega cheia de esperança, a gente se frustra um pouquinho mais, por que a gente se depara com situações que causa desespero total na gente e acaba que a gente bate mais em frente com as pessoas, e a pessoa que tem uma ideia mais tradicional ela normalmente é uma pessoa mais fechada né, então assim, e não aceita ideias e quando se depara com uma *Flávia com uma Patrícia* e isso incomoda, isso geram bastante atritos e incômodos não tanto para pessoa que é tradicionalista mas a gente que é dessa forma sabe, que pensa e vê a criança diferente. Existem os rótulos de professoras também. Tomara e eu vou torcer para que quando tu pegar tua sala de aula tenha a feliz experiência de ter junto contigo um grupo de colegas excepcionais tanto quanto tu é. Mostrar para as crianças e assim, se encantar com que eles estão te mostrando, se encantar com o que eles estão te dizendo sabe, então, tomara e eu vou torcer muito para que quando isso acontecer contigo tu tem um grupo de professores que desempenham um trabalho minucioso, que trabalhem na educação infantil e que as atividades tenham sensibilidade. Então assim, que tu possa ter colegas e profissionais sensíveis tanto quanto é, mas tem que estar preparada para não encontrar pessoas assim e saber lidar com pessoas. Porque a gente tem que ir aos poucos, mostrando que algumas coisas podem ser modificadas para melhor. Da mesma forma que a gente pensa que nossos pais tiveram uma educação mais rigorosa, também tem profissionais que tiveram e que passam a educação dessa forma, por que não sabem uma outra forma de lidar com as situações.”

“E agora depois de tudo isso eu penso que caminha junto um planejamento, para que tu possa potencializar as crianças. E esse planejamento não vem do nada. Então qual é o aspecto que tu utiliza na construção do teu planejamento?”

“A escuta né, eu escuto as crianças. A escuta porque não há planejamento sem exercer a escuta, tu pode desenvolver, se tu fizer um planejamento sem a escuta das crianças. Porque eu passei por isso, logo que eu entrei era tão engessado que eu não conseguia colocar e Expor a minha maneira de trabalhar, então eu tinha que seguir uma linha né, e ali era essa então a linha, era eu planejar e eu cheguei a fazer isso, eu sofri né, eu sofri porque eu sabia que não era o meu estilo de trabalho, aquele né de trabalhar sem realizar escuta, mas era imposto essa forma né, *Deus me livre eu vou tá fazendo o quê as crianças estão me dizendo que é para fazer sendo que adulta sou eu, eu sou professora da sala, criança não manda*. Era assim

que era visto as professoras que escutavam as crianças. E cheguei a fazer assim, quantas coisas elaboramos, mas era o que eu queria e eu via que as crianças não queriam, eu pensava que iria ocorrer exatamente como estava no meu planejamento. Só que de todo aquele planejamento, só teve uma atividade que eu consegui fazer com as crianças, que foi carimbar as mãos que eu lembro até hoje, foi um carimbo dos pés e das mãos um carimbo que eu fiz pois só o resto do planejamento não consegui fazer nada aí aos poucos eu fui fazendo do meu jeito mesmo contra a proposta que era imposta sabe então aí que faz parte até daquela mudança sabe que lá do começo que eu te falei que a escola era bem engessada, era tudo feito pelo professor, para protagonismo infantil não tinha, era desesperador, porque eu vim de uma escola de uma experiência de estágio onde o protagonismo era total das crianças quando me deparei com aquilo, Porque daí o local de trabalho é diferente a gente também tem que respeitar né, E aí eu fui tentando colocar minhas ideias em prática e muitas delas eu fui podada, lembro que as crianças me deram uma ideia de fazer uma pipa e eu disse, vamos, eu disse: “mas primeiro eu quero que você me mostre como é que se faz uma pipa” e um aluno meu, pegou os palitinhos e disse: “o meu pai me ensinou” ele me mostrou como é que montava as pipas e eu disse tá mas como é que a gente vai fazer, eu não posso chamar os pais aqui para a gente fazer um dia das pipas, porque não podia né, Não podia, nada podia. Eu pensei, eu vou comprar o material e nós vamos fazer as pipas, resumindo a turma toda fez pipa. Mas quando eu fui sair para fora para gente brincar com todas pipinhas pequenininhas, todo mundo empolgado que as pipas estavam voando, me disseram assim: *“não sai para fora com isso porque tu tá querendo se aparecer e aí tu vai me causar problema, pega isso daí enfia dentro da mochila das crianças e manda elas só tirarem da mochila em a casa.”*

“Aquele dia, assim ó, eu lembro que chorei desesperadamente, porque eu vi aqui a minha luta era bem maior do que eu imaginava então Flávia, eu segui sendo eu, como foi minha chefe que falou comigo eu fui respeitar o que ela havia pedido, mas as crianças brincaram com a pipa dentro da sala de aula. A partir daí foi uma briga que eu comprei para mim. Segui realizando a escuta das crianças. Também pode acontecer de tu escutar as crianças e fazer um planejamento baseado no que eles querem descobrir e pode acontecer que não dê certo. Porque criança é criança, cada dia vivido é único e novo, então isso também faz parte do planejamento.”

“Essa escuta ela é muito importante né, porque tu faz a criança perceber que

ela importa o que ela fala importa é que a gente está ali para isso né para trazer essa confiança para ela e eu depois de vários estudos assim nessa pandemia não adianta cada coisa que eu lia me remetia isso de tu escutar a criança se reflete lá na frente que tem um adulto que tem firmeza e fala com responsabilidade, por que quando era criança ele foi ouvido, quando era criança e ele aprendeu que ele importa a opinião dele importa ele é importante.”

“Sim! A criança é muito importante, são vidas que estamos potencializando.”

“Uma outra pergunta, mais fechadinha, como tu enxerga a nossa educação de hoje?”

“Pois é, sabe que essa questão da pandemia, isso foi uma coisa que nos pegou tão de surpresa né?! Que uma coisa é fato, a tecnologia ela estará presente na vida da gente agora para o resto da vida. Eu tenho tanta tem muitas incógnitas, eu penso pela Nicole sabe, porque a gente falou do ensino tradicional né, Tu sabe que eu percebi que o Nicolás tá tendo ensino totalmente tradicional mais forte ele está no oitavo anos, então assim só que, ele tem um potencial assim olha incrível, não é porque meu filho, mas eu assisto aqui eu acompanho e eu vejo que pode ser explorado um pouco mais, mesmo sendo na tecnologia. Agora a Nicole, a professora começou pouco engessado as aulas dela por causa da tecnologia, porque o professor que ele é tradicional ele vai ser tradicional no computador também. Então vendo pelos meus filhos, eu não tenho uma resposta certa pra te dar (risos).”

“E um novo normal para a Educação Infantil, tu já pensou?”

“Nessa situação que a gente vive hoje e vendo o que tá acontecendo ainda falta muita vontade sabe, para mim assim mais mudança, para desacomodar, para criança se sentir parte da escola, da sala, da turma, tá faltando alguma coisa entendeu faltando eu não consigo eu não consigo eu não consigo projetar porque eu sinto Ainda falta muita coisa entendeu falta um engajamento, falta... Eu sinto que a pandemia, as mudanças, elas vieram nos pegaram todos de surpresa, algumas pessoas conseguiram se motivar de alguma forma e buscar mais, inovar mais e levar para criança da Educação Infantil e levar para criança do 1º ano do Ensino Fundamental levar essa mudança toda de uma forma mais leve e de forma que a criança aprendesse e continuassem aprendendo alguma coisa. Mas eu vejo que

ainda falta muito para gente conseguir, pra mim é difícil pensar em como será, entendeu?!”

“Essa parte de ter pego de surpresa, pegou de surpresa nosso filho, o Bê de surpresa também, às ele tem muita saudade, e foi um longo processo de ensinar a ele que não podíamos ir para a escola, aos poucos ele foi entendendo. Agora, ele mesmo pega a máscara dele e se precisar sair com ele, ele pergunta para as pessoas que estão sem máscara ou por que estão sem. Então acredito que para todas as crianças foi difícil esse momento. As pessoas que o Bê questiona sobre a máscara dão apenas risada e acham “bonitinho”, mas não se dão por conta que uma criança de 2 anos entendeu a utilidade da máscara e adultos não. Concordo contigo que é difícil imaginar um retorno seguro para nossos pequenos. Mas eu estou tentando levar tudo para o lado positivo, principalmente o acompanhamento do meu filho, que está sendo incrível, em tempos normais eu não poderia ver muitas coisas.”

“No começo as pessoas estavam gostando, porque teve a proximidade da família né, de quando teve o isolamento total, a quarentena lá no final de março, depois daí começou a ficar difícil por que as crianças queriam ir para escola, mas escola já tinha que ter trabalhado diferente, falando para as crianças, explicando que não ia ter aula mas que os professores estavam ali e falar mais o bichinho. Foi falado depois, muito tempo depois, começaram a fazer dois meses depois, então pra mim faltou mais informação para as crianças da Educação Infantil. Precisamos desempenhar um papel mais humano na sala de aula.”

“Voltando para esse sentimento de olhar sensível não é só para dizer que tem, por que é bonito, mas é preciso ter de verdade dentro do coração, um exemplo é quando recebemos crianças incluídas na sala de aula, é necessário ter empatia pela família, pela criança, é preciso procurar formação pra dar o melhor para as crianças. É preciso trabalhar com as crianças sobre as diversidades.”

“Sabe que quando eu entrei no curso, percebi que tinham muitas professoras formadas fazendo educação especial, e eu não entendia o por que, após ter mais prática percebi que é necessário ter mais formação qualificada sobre as diversas deficiências que podem ter nas nossas salas de aulas. Depois eu entendi que a graduação em especial é um completo para podermos incluir todas as crianças.”

“E essas professoras que buscam mais, são as que querem contemplar todas as crianças, são essas que saem do comodismo, é essas que vão em busca de conhecimento, das teorias. Mas eu acho que esse olhar ele tem que vir de longe sabe, eu tenho que ir atrás e saber que tudo muda o tempo todo e que eu, professora preciso estar preparada para dar o melhor de mim. Eu acho que a escola deve proporcionar encontros formativos, para contemplar todas as necessidades dos alunos.”

“O que é infância?”

“Ai Flávia, infância, quando me fala infância, isso já pensei viu.” (RISOS)

“Infância pra mim é poder ser criança entendeu, é assim, é poder fazer tudo que a gente quer sabe?! Tudo que a gente gosta, poder tomar banho de chuva tomar banho de mangueira, correr na calçada da rua, deitar na grama e rolar, olhar as nuvens, ai a infância pra mim é algo doce, algo terno, é algo maravilhoso, são tantas coisas boas, é amor né, não existe infância sem o amor né, sem sonhos, sem a imaginação. Ah é isso tudo, é tudo...tudo”

“Flávia, tem um livro que eu ganhei uma vez de uma aluna, o nome dele é *A grande Magia* e se um dia tu puder ler eu te aconselho, ele fala que nós precisamos enfrentar nossos medos de uma forma criativa. Que é preciso ter medo, o medo é importante para quando a gente faz um planejamento e pensar com mais cautela. Então, não tenha medo de ter medo, continue criativa com o medo junto contigo, e fala também que a gente precisa ter coragem para mostrar as joias preciosas que tem dentro da gente. Te desejo coragem pra seguir em frente, que tu continues essa pessoa e profissional maravilhosa. Abraça teus medos e diz assim, anda comigo por que tu vai ser meu amigo. Quero que um dia possamos ser colegas de trabalho para dividirmos nossas vivências.”

11.2 Sujeito de pesquisa B

“Gostaria que começasse a falar da tua trajetória na educação e se tu puder, fala das suas experiências profissionais na área da Educação Infantil.”

“Eu sou formanda do curso de Pedagogia, estou no 10º semestre pela Universidade Federal de Santa maria, eu entrei em 2015, desde então tive poucas experiências na Educação Infantil, eu trabalhei na escola Marista, como auxiliar de infantil numa

Turma do Pré B acompanhei um menino que era autista, junto dele eu realizava atividades, participava de brincadeiras, fazendo a interação dele com as outras crianças. Após eu fui para a escola onde eu trabalho até hoje, faz mais de um ano já, comecei como volante, cobrindo os dias de planejamentos das professoras, ajudando a auxiliar ou na falta de alguma colega. Depois dessa experiência como volante, eu comecei a trabalhar junto a turma do Maternal A, foi uma experiência muito boa, ajudava nas trocas de fraldas, nas brincadeiras, e esse ano de 2020 eu comecei no Maternal A novamente, de acordo com as questões da pandemia, tivemos que nos afastar e desde final de março não tenho contato com as crianças. Também fiz inserções e estágios em escolas do município.”

“Qual é a tua percepção hoje da Educação Infantil?”

Em geral, eu vejo que a educação Infantil está tendo perdas. Por que algumas escolas da Educação Infantil particulares, talvez conseguiram entrar em contato com os alunos, mandar alguma atividade para casa e percebi que algumas escolas do município não conseguiram alcançar a todos, não teve aquela troca, tudo aquilo que se desenvolve na educação infantil. Pra mim esse ano a Educação Infantil foi que as crianças perderam bastante coisa. Fico triste ao pensar sobre esses aspectos todos da Educação Infantil.”

“Com as tuas experiências e pesquisas existem avanços significativos se tratando de educação infantil?”

“Sim, existe sim! Em modo geral da Educação Infantil, lendo e comparando dados, tu pode ver que muita coisa mudou né?! Há muitos anos não tinha educação infantil, não era um direito da criança, era uma educação assistencialista, onde os pais necessitavam trabalhar e tinham que deixar seus filhos em algum lugar. Por isso penso que a Educação Infantil vem mudando gradativamente, a todo momento surgem mudanças na Educação Infantil, através da inclusão né, através também do assistencialista era apenas para cuidar, após isso houve a mudança e começou a andar juntos o educar e o cuidar, e a partir daí existiu quem pensou que a criança é importante, necessária e de direito dela. Então só nesse comparativo já existe uma grande mudança, pra mim é um ponto primordial. Quando eu fui para a educação Infantil já era lúdica, já era pra brincar e pra desenvolver. E isso vem melhorando cada vez mais, vem se concretizando esse pensamento. Uma pena é que uma criança de 6 anos tenha quer ser alfabetizada, e também com o fato de que muitas

escolas preparam as crianças da educação infantil para os anos iniciais, nesse aspecto acho que estamos regredindo um pouco. Penso que quando a educação deixou de ser assistencialista para ser educar e cuidar, muitos professores não perceberam que educar e cuidar são juntos, são uma via de mão dupla sabe?! Muitos professores pensam que a ida ao banheiro é papel apenas do estagiário por pensar que esse momento não é pedagógico, isso eu consigo perceber, cuidar é para terceiros a professora regente só educa. Não é todo professor que enxerga dessa forma, mas infelizmente temos colegas que pensam dessa maneira, apesar de todos os avanços da Educação Infantil.”

“Tem também a frase que a gente escuta muito ainda:” A EDUCAÇÃO VEM DE CASA”. Mas na tua sala com teus alunos, tu grita, xinga, não escuta teus alunos. Eu parto do princípio que a educação vem de todos os lugares. Levando em consideração que muitas crianças que são do turno integral passam a maior parte do tempo na escola.”

“Pois é, eu acho isso contraditório, por que por exemplo, a gente ensina as palavrinhas mágicas, tu aprende na escola e isso não é respeito e educação? Acho que isso é um discurso de um professor que não é mediador. Como avanços também temos a questão de gênero, que me parece ser um avanço, mas, muitas pessoas pensam que homem não é feito para ser educador de Educação Infantil. Se tem tentado mudar essa visão né, a gente até encontra professores homens na educação infantil, mas poucos, se ele é homem, duvidam do caráter dele ou duvidam da sexualidade dele, mas posso dizer que existe um pequeno avanço quanto a isso, por que existem sim educadores homens na educação infantil e a anos atrás não havia, por que esse papel não se expandia aos homens. Existem professores maravilhosos e pais maravilhosos também. É preciso enxergar homens na educação como profissionais conscientes e responsáveis.”

“Em retrocessos posso falar da nossa desvalorização, muitos profissionais da educação se desvalorizam.”

“Sim, trago isso em uma parte da minha pesquisa com o livro: professora sim, tia não. Pelo fato de que quando a criança te chama de tia, não necessita de uma remuneração, geralmente a tia é alguém muito próximo da família e que repara a criança quando precisa. Por que para ter um cargo de tia (irmã do pai ou da mãe) não precisa de graduação e cursos. É lindo ser tia, ter sobrinhos,

mas isso não é um cargo profissional.”

“Também tem uma parte que é bonito de escutar, aquela professora é muito mãezona, se formos parar para pensar também não é correto, eu prefiro ouvir, que baita profissional é aquela professora, ela é carinhosa, é afetuosa, ela é muito lúdica, enfim, há tantas formas de elogiar os profissionais da educação.”

“Tudo isso vai partir muito da gente né?! Nos posicionar mediante aos pais, nos valorizar, enfim, ir mudando alguns detalhes aos poucos.”

“Quando tu vai montar uma proposta pedagógica para educação infantil o que tu leva em consideração?”

“Primeiramente as crianças e segundo, quando eu penso nas propostas pra eles, eu penso no que eles vão gostar, tento pensar em coisas práticas que eles vão aproveitar ao máximo. Tento fazer propostas diversas, com mais coisas para eles explorarem. Tento também, levar propostas que a partir daquilo possam surgir questionamentos, curiosidades, que a partir disso eles possam criar e recriar. O contexto que eu to vivendo hoje é do ensino remoto, que eu não tenho um contato físico com as crianças, com isso fica um pouco mais difícil pensar em propostas que contemplem a todos.”

“Esse momento de 2020 acho que foi um momento de descoberta para os professores.”

“Quais os benefícios da escuta sensível e no que ela pode refletir na criança?”

“Eu acho que se nós temos uma escuta sensível, conseguimos identificar as dificuldades dela, identificar os medos né, a gente consegue identificar o que ela consegue fazer e o quê ela gostaria de fazer, se eu não tenho a escuta com as crianças, posso colocar um vídeo, fazer todo mundo dançar e deu. Se eu quero desenvolver a criança com plenitude, com que ela se sinta bem de fazer aquilo, que seja algo positivo, eu preciso escutar todos eles. O maior dano que pode se causar em uma criança são os traumas.”

“O que é infância?”

“Primeiramente não existe uma única infância né, cada um vive a sua infância nas condições de cada família, a minha infância é diferente da tua, mas acho em geral é

poder aproveitar tudo sabe, é descobrir, não tem medo de falar as coisas, é tocar nas coisas e sair correndo, é aquela inocência, sentar no sofá pra ver desenho ou fazer qualquer outra coisa, viver a infância é viver livre, não digo livre de maneira que ela faça tudo o que ela quiser na hora que ela quiser, mas permitir que a criança experiencie. Porque enquanto a gente é criança a gente pode, quase tudo, e quando é adulto existem outras responsabilidades. É não ter um peso adultocêntrico.”

11.3 Sujeito de pesquisa C

“Eu gostaria que de início tu começasse a apresentar a tua formação acadêmica e poder falar um pouco de ti.”

“Então tá, eu sou formada em pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria, tenho pós graduação em psicopedagogia e curso também atualmente neuro psicopedagogia. Eu tenho 10 anos de rede Municipal de Ensino,mas tenho também outros trabalhos e estágios , inclusive fora desse tempo de prefeitura, também fui professora da Ipê Amarelo, fui estagiária de rede privada e também na própria rede Municipal em educação infantil em 3 escolas, então eu atuo desde o tempo de formação. Hoje eu atuo em uma escola do campo, a turma que eu sou professora é o maternal Misto, que são crianças de 2 anos de idade, 3 anos de idade e às vezes alguns que completam 4 anos de idade. Nós temos o maternal misto por necessidade das famílias, porque lá no bairro não tem Escola de Educação infantil perto, então as famílias não tinham como se locomover para deixar em outra escola, por isso atendemos a essa necessidade. Essa é a verdade nua e crua, as pessoas precisam deixar seus filhos para ir trabalhar, e eu sou a favor de que sim, é melhor estar na escola do que com qualquer pessoa. A gente está na escola porque a mãe tem que trabalhar sim, quem sabe do propósito da prática e a mãe tem direito sim, de precisar da escola, pra principalmente deixar o seu filho em segurança. O sistema investe naquilo que é obrigatório, com as pré-escolas, e a educação infantil fica desassistida, por que a prioridade é colocar aqueles que são maiorezinhos e que não podem ficar fora da escola né.”

“Outra coisa é os horários das escolas de educação infantil, por exemplo, se a mãe da criança trabalha no comércio, não há possibilidade dela sair antes das 17 horas do seu serviço, né? Fico pensando também nestas coisas.”

“É isso, precisamos amparar as famílias e essa questão do horário já foi debatido, só que nós professores concursados, temos uma carga horária de 20 h semanais ou 40 horas semanais, daí entra questão de verba também porque quantos mais professores ou auxiliares deveriam ser contratados para suprir essa necessidade né?! Seria ideal que os concursos para professores aumentassem a carga horária, mas a nossa legislação atual diz que temos que cumprir as 20 ou 40 horas semanais, por que se não fere minha lei trabalhista e de plano de carreira. Apesar de que muitas vezes a gente fica um pouco mais do horário, quando os pais se atrasam.”

“O que tu percebe de avanços na Educação Infantil desde a tua formação?”

“Teve muito avanço, quando eu entrei na educação infantil, eu entrei na graduação em 1998, naquela época foi uma transição das políticas públicas que era atendida pela assistência social do município, a ideia era só deixar as crianças ali, a ideologia do sistema era pensando nisso. Daí veio a LDB, eu peguei bem essa transição. Eu presenciei os primeiros professores contratados para a educação infantil, por que até então eram só estagiárias. Teve um concurso público e os professores foram sendo chamados e a educação infantil começou a crescer no município. Teve muitos avanços, sem contar nas leis de amparo, a própria BNCC que agora é direcionada para a escuta, para a experimentação da criança pequena, então esses avanços são muito significativos. Outra coisa é que quando eu entrei crianças de 0 a 3 anos não existiam na escola, era só a pré-escola, por que eram obrigatórios. Hoje em dia temos muitas pesquisas e livros que falam sobre os bebês e crianças menores, então acho que os avanços foram muitos.”

“Percebo a partir desta tua fala o quanto estamos atrasados, em 1998 eu tinha 3 anos de idade, as mulheres não tinham com quem deixar os filhos, a consequência talvez disso foi que as mulheres deveriam ser do lar.”

“Sim, exato! A LDB foi aprovada em 1996, mas tem um longo caminho, um processo para entrar em vigor, para ser implementada.”

“E hoje, qual a tua perceptiva com a educação infantil?”

“Eu só posso te falar da minha experiência, não tenho como falar num geral, por que eu não conheço todas as realidades, mas o que eu tenho percebido é que tem um empenho de gestão bem forte, apesar de se negar isso.”

“Aqui em Santa Maria eram para ter sido feitas 12 escolas, que são as PRÓ INFÂNCIAS, que é de uma lei federal né, um projeto de lei federal, que o município subsidia com recursos, equipamentos e professores, no projeto geral são 12 escolas, para essa gestão de 2020 eram para sair 6 escolas, porém saiu 2 e eu acho que foi um avanço, porque assim, eu sempre tento colocar para as pessoas que a gestão pública não igual à gestão da minha casa, as coisas são um pouco mais complicadas que na nossa casa. Mas em Santa Maria eu vejo muitos avanços, porque temos muitos profissionais capacitados, muitos investimentos e também porque temos muitas universidades perto da gente. Então por esse lado eu penso que é muito difícil encontrar algum professor em sala de aula que não tenha uma pós-graduação ou que não esteja estudando. E agora no remoto muitos professores estão participando de web, de cursos online, então com isso a gente conseguiu ver o quanto as pessoas se empenham, muitas vezes uma videoconferência o limite eram 250 pessoas e eu via muitas pessoas dizendo que não conseguiam entrar. Então eu percebo que temos uma qualidade na nossa rede municipal, temos uma boa educação municipal, visto que esses profissionais se dedicam muito.”

“Pois é, agora tu falou nos cursos e capacitações e eu percebi o quanto eu pude me capacitar mesmo sem ainda estar formanda, isso é tão gratificante, e eu espero que isso não se acabe, que possamos sempre estar em busca de conhecimento. No dia a dia (sem pandemia) é muito corrido e usar essas plataformas online facilita muito.”

“É, às vezes é quase inviável saber, o tempo muitas vezes não dá, então a tecnologia nesse aspecto ajuda muito. Essas coisas, tipo reunião, poderiam vir para ficar, para economizar tempo, quanta coisa vai poder ser repensada para que algumas coisas sejam resolvidas por uma reunião online. E agora eu chamo pela sala de what's os meus alunos.”

“O que tu leva em consideração na construção do teu planejamento?”

“Já passei por várias fases de pensar no planejamento (risos). Quando eu fui supervisora do PIBID na Universidade, a nossa professora dizia isso, a nossa coordenadora dizia que o planejamento é muito pessoal do professor, e cada um vai encontrar a sua maneira de fazer né?! A gente conhece a didática de como é feito, o que? Para quem? Como? Mas a maneira de se organizar é de cada professor. Eu acredito muito que o planejamento que eu faço vai muito da turma que eu to, eu já

tive vários tipos de turma, que a dinâmica mudava, já teve turma que primeiro tinha que chegar e ser mais tranquilo as propostas, que só rendia algo após o meio da manhã, assim como também teve turma que tinham que ser várias propostas dinâmicas, por que eles necessitavam, eram muito curiosos, então o planejamento vai muito do que e como é a turma. E assim vão indo as pesquisas de sala de aula, os interesses. Eu fiz ano passado (2019) um projeto dos “Bichinhos do Jardim”, primeiro pesquisei tudo e depois coloquei em prática. Hoje eu percebo que a tecnologia pode ajudar muito nas pesquisas, nas dúvidas das crianças que surgem na hora, lembro que tinha um bichinho que eu não sabia o que era, e se eu tivesse com a noção que eu poderia pesquisar tirando uma foto e indo no Google eu teria utilizado, não quero dizer que tu tenha que estar com o celular o tempo todo, mas às vezes se torna educativo. Outro bichinho que encontramos no jardim foi o “fede fede” e então joguei esse nome mesmo, eu não sabia o nome científico, daí no Google apareceu tudo, fotos, o que comem, tudo... Eu li para as crianças, e eles fizeram a comparação das fotos com o que estava ali com eles. Foi muito divertido. Encontramos um casulo de borboleta, e eu fui fotografando todos os momentos e a gente foi pesquisando, então, é um planejamento né?! Que surgiu, emergiu ali daquela turma, eu não planejei em casa, por isso que a gente fala tanto do olhar sensível, dessa teoria toda que se alia a prática, isso é o olhar sensível na prática, com isso as crianças procuravam mais e mais bichinhos, porque queriam saber mais, por que estava curiosos. Então o planejamento pra mim é isso, eu não consigo chegar no início do ano com uma coisa muito pensada, porque conforme e vou conhecendo a turma as coisas vão se incorporando e depois essas observações vão dando subsídio pra gente intencionalizar e criar coisas né, a gente já trabalhou até sobre adubo, por que eles viram o pessoal plantando e eles queria saber como se alimentavam as plantas e aquilo foi indo e criamos um adubo orgânico para dar comida para as alfaces.”

“Sim, que coisa linda isso tudo, e se tu não potencializa isso, quando que as crianças vão estudar sobre adubo ou casulo de borboleta, vai ser lá pelo 4º ou 5º ano do ensino fundamental. O quanto se torna rico ter um olhar e uma escuta.”

“É, isso tudo parte do grupo, eu tive uma turma que quase o ano inteiro eu trabalhei experimentações de coisas, fizemos gelecas, massas malucas, eles tinham uma adoração por coisas diferentes, eu lembro que a gente fazia no pátio, porque dava

uma sujeira aquilo (risos) e era o perfil da turma, era o que eles gostavam de fazer. A gente tem que levar alguma coisa pronta, não dá pra chegar na sala e esperar que todos os dias surja algo, um bichinho... Mas estar disposta a observar e potencializar.”

“O que tu vê como benefício da escuta sensível?”

“Os benefícios, eu penso que são emocionais, sobretudo hoje em dia, as competências emocionais. As pessoas têm o hábito de dizer assim, principalmente os mais antigos, ”eu tomei chinela e não morri, eu fui criada que meu pai só me olhava e eu baixava a cabeça e eu não morri”, morrer a gente não morre, mas os prejuízos emocionais e de autoconfiança, de vida né, talvez sim, estejam comprometidos, será que eu vou conseguir ser autônomo, se eu fui tão punido, e tão recriminado que um olhar me fazia eu baixar a cabeça? Então essa escuta da criança tem dado a eles uma competência emocional vasta né. O mundo assim, tá tão doente, mas os professores estão num caminho de tentar reverter as coisas. Muitas das doenças de hoje vem porque lá atrás faltava conhecimento. A minha mãe pensa assim, tem uma postura mais autoritária, mas isso é uma concepção de quem não está na educação, por que quem está tem outra concepção. A gente oferece para as crianças a possibilidade de pensar, de se comunicar, ou deveria ser assim, não digo que estamos 100%, mas estamos no caminho. Claro que o cognitivo vai voar né, mas a parte emocional talvez seja tão importante quanto.”

“Tentamos nos desconstruir para se construir, para pensar e ver o mundo diferente e proporcionar coisas incríveis para nossas crianças. Eu penso muito nos professores que não tinham convívio com as tecnologias, eu penso no esforço que fizeram para dar o melhor de si, nas suas possíveis condições.”

“Eu ia dizer isso! A parte tecnológica neste ano foi um desafio, se eu que já estava um pouco envolvida nessas mídias e coisas, teve plataformas que foi uma coisinha do outro mundo entrar. Por que tem que regular a câmera e daqui a pouco teu áudio tá aberto e tu tem que fechar o áudio e eu não sabia onde era, é complicado até tu acostumar, e eu achava que não ia dar conta. Foi tenso se moldar, e eu fico pensando realmente nas pessoas que não tem um convívio, uma prática nessa parte tecnológica, deve ter sido muito ruim no início.”

“Eu penso que deve ter sido muito desgastante. E como está sendo a tua

atuação neste ano de 2020?”

“Essa equidade que a gente tanto fala nesse ano de 2020 eu só consegui depois que eu fui até as casas das crianças, entregar para todos, no bairro onde as crianças moram, que é o mesmo da escola, a internet é péssima, e nem todos tem acesso, então essa foi a melhor maneira de chegar a todas as crianças, entregando os kits pedagógicos, que daí eu sei que todos têm o mesmo material e de que estão fazendo, e se não estão daí é a organização da família. Eu quero refletir contigo assim, a teoria tem que caminhar com a prática, certo?”

“Sim, devem caminhar juntas.”

“Então ela não pode ser distante por que quem faz essa teoria com a prática sou eu, professora, educadora e cabe a mim compreender essas realidades, quando eu te digo que comecei a enxergar uma equidade quando eu comecei a entregar os kits nas casas, isso sou eu quem tenho que enxergar, se eu percebi que não estou alcançando a todos eu tenho que pensar em outras possibilidades viáveis, nas minhas condições, isso pra mim é teoria alinha com a prática.”

“As ideias que foram surgindo para alcançar todas as crianças são muito boas, e percebo que foge do comodismo, é mais difícil tu ir na casa de todos os teus alunos, é desgastante, mas é algo se teve que ser feito por que tu queria chegar em todos os alunos.”

“Isso foge totalmente do comodismo, como tu disse. Mas tendo em vista que a nossa realidade de professores aqui do município que não tivemos nossos benefícios cortados, nem salário diminuído, fizemos o melhor que pudemos, e a cada visita nas casas eu fazia o demonstrativo e a prefeitura me reembolsava, então tudo que fiz foi pensando no que proporcionaria para os meus alunos.”

“Estamos com um projeto audiovisual, por que justamente essa questão da Equidade através da internet não tava funcionando para todo mundo, então quer dizer, é uma alternativa a mais né, tanto para quem tem, quanto para quem não tem. Uma professora me ligou um dia e me disse que queria me convidar para uma reunião, sobre um projeto que estamos pensando e então o projeto era, fazer televisão para chegar em mais crianças, e aí o desafio foi enorme, por que estar na frente de uma câmera não é o mesmo de estar em sala de aula, como que eu ia fazer tudo que eu queria em frente a câmera, por que é um local que tu tem que ficar

meio parado corporalmente, porque se for muito para o lado saí da tela, desfoca, então foi um aprendizado, só esse ano de 2020 a UFSM não conseguiu nos ajudar, por que tinha toda a demanda deles né, tudo novo para todo mundo então fomos e para 2021 a gente espera estar junto com mais essa demanda com a Universidade. Então essa ideia, foi um investimento para a nossa educação.”

“O que é infância?”

“Ai Que difícil né (risos), aí definições de Infância, no meu pensamento é uma fase da vida que deveria permanecer para toda ela. Eu sou muito infância ainda, e acho que ela começa quando a gente nasce, mas que ela tem que perdurar para todo sempre, por toda vida e como educadora tenho a responsabilidade de tornar isso real né, de fazer com que as crianças vivenciam suas infâncias, dentro dos seus direitos, do respeito e da valorização que eles merecem e é isso, e não se omitir né.”

11.4 Sujeito de pesquisa D

“Eu gostaria que de início tu começasse a apresentar a tua formação acadêmica e pode falar um pouco de ti.”

“Assim que eu terminei o ensino médio, que naquela época era o segundo grau e depois, minha mãe me disse que eu teria que fazer um curso, só que a faculdade era em outra cidade. Eu fiz o magistério em Santa Cruz, e logo depois que eu terminei o curso a prefeitura da minha cidade me chamou pra um contrato de 10 meses, isso foi no ano 2000. Daí depois eu vim para Santa Maria, fiz uma entrevista numa escolinha particular na sexta-feira e na segunda-feira já me chamaram, eu não tinha nem roupa aqui, mas fui. Eu lembro que o salário era pingadinho, mas recebia. Daí aqui em Santa Maria saiu concurso pra professor, e eu fiz, fui chamada dois anos depois, demorou um pouco. A partir daí eu comecei com anos iniciais, depois, enquanto isso a prefeitura abriu um convênio com a UNIFRA que a prefeitura pagava metade da faculdade e eu a outra metade. Mas, só tinha Letras e Geografia, e então eu me formei em letras e continuei no município. E depois dessa escola que eu fiquei primeiro, eu fui para uma escola de educação infantil, também do município, que é a escola que eu estou até hoje, cumpria 20 horas ali e suplementava em outra escola próxima. E estou na educação Infantil até hoje. Fiz minha pós em Educação Infantil, depois deu o acaso de eu ser coordenadora da escola, e por último terminei o mestrado. É bem difícil estar trabalhando na escola e

cursar mestrado né?! Daí ali na escola a gente se ajuda, somos bem parceiras, porque se não for assim, como que vamos conseguir? Uma ajuda a outra e caminhamos juntas.”

“Isso deve ser gratificante, não são todos os gestores que ajudam dessa forma e nem que pensam assim. E como está sendo a experiência das reuniões online?”

“Tu sabe Flávia, que isso é uma coisa que eu acho que veio pra ficar, porque agiliza muito, principalmente por que não temos o dia do planejamento, a gente tem direito, mas efetivamente a gente não consegue fazer. Então acho que vai ser muito bom ter essa possibilidade.”

“Com a tua experiência, tu acha que teve avanços na educação infantil?”

“Nossa eu vejo assim, como a gente comentou antes, eu tive erros, e é assim, a gente vai errando e acertando, eu vejo que muitas coisas avançaram para melhor, sempre pensando mais e mais na criança. Hoje as crianças podem brincar e rolar. Mas a gente ainda vê alguém falando que a educação infantil é para os pais trabalharem. Como se fosse um depósito, isso dói um pouco ao ouvir esse tipo de coisa, porque hoje é um direito da criança, essa parte eu vejo como um retrocesso, porque isso era tido lá nos anos 90 80. Mas assim ó, nós professores, a gente tem essa visão aqui não é que a gente é o direito da criança dele né da interação da brincadeira e tal, mas infelizmente para os pais assim é lamentavelmente é isso, a gente vê agora assim na pandemia, ali na comunidade que eu trabalho, é triste, é muito triste porque assim, a ideia deles é levar para lá para ele não precisar ficar, infelizmente e a gente faz todo um trabalho tão legal Sabe, tão bonito, tão joia e na verdade o reconhecimento não é pelo trabalho que a gente faz com eles mas é por eles terem onde deixar, infelizmente.”

“E como está sendo o trabalho da escola, de vocês, agora nesse momento de pandemia? O que tu percebe com tudo isso, claro no contexto que tu vive na comunidade da tua escola?”

“É... Ali na escola a gente tá tentando manter o vínculo né, esse vínculo próximo com as crianças e tal, e as professoras estão com umas propostas bem interessantes, só que agora já tô notando que as famílias e professoras estão cansadas, sabe?! E eu também já tô cansando, porque assim, tu busca, tu olha, tu

faz live, tu vê coisas para melhorar, para propor algumas coisas diferenciadas né, de acordo com aquilo que a gente tá estudando e assim temos pouco retorno, parece que tem que estar implorando para esses mães, para essas famílias dar um retorno sabe?! E não é por falta de internet, porque assim, a gente tem grupos de WhatsApp e a gente visualiza que assim ó, quase 100%, a maioria das famílias visualizam o que vai no grupo. Só que poucos realizam e nos dão retornos das proposições. Então isso deixa a gente um pouco cansadas, porque a gente tem que correr muito atrás deles para receber um retorno, as professoras foram incansáveis, fazendo e procurando coisas diferentes. Uma coisa que me deixou muito feliz foi uma mãe que não tinha celular, não tinha acesso e ela conseguiu um celular melhorzinho, e nos pediu ajuda pra instalar as coisas que precisavam por que duas vezes ela não sabia e deletou os aplicativos, e ela é analfabeta, e essa vontade dela, de querer que o filho tenha esse contato com a gente me deixou muito feliz, foi muito gratificante. E assim, ela aprendeu a fazer chamada de vídeo, porque como ela não sabe ler, ela mandava áudio ou chamada de vídeo, então foi um aprendizado que não foi só da criança, mas foi de toda família. Aí por outro lado, temos que respeitar as famílias que optaram por não fazer. E assim a gente sempre tentou fazer coisas bem cotidianas, sabe?! Coisas assim, nada de muita exigência, as coisas assim mais tranquilas, mas, mesmo assim, ainda dava um probleminha.”

“Hoje em dia tu está na coordenação, mas quando tu fazia as propostas para as crianças o que tu levava mais em consideração?”

“Sim, eu estou na coordenação, mas eu acompanho todos os planejamentos, então a gente tenta levar em consideração todos os direitos de aprendizagem né?! E mesmo agora, a gente tenta pensar nos campos de experiência, que eles brincam, que eles explorem, que eles possam experimentar. Então as propostas dos planejamentos chegam pra mim e eu tento contribuir, e uma das propostas para as crianças de 2 anos foi de tomar banho sozinho e se vestir sozinho, e alguns pais mandaram vídeos e eu percebia que tinha uma grande dificuldade. Isso também é uma proposta pedagógica. Então é mais ou menos isso, a gente tenta levar em consideração os direitos de aprendizagem.”

“Essa proposta do banho eu não havia pensado, porque geralmente em casa são os pais que fazem essa parte, pra não perder tempo, para que a criança não chore. Achei muito interessante essa proposta.”

“Até outra coisa assim, até deixar ele escolher o tipo de roupa sabe, uma coisa que a gente não deixa né, já sai do banho e a roupa já está separada pelo adulto. E isso na verdade, possibilita que eles vão se conhecendo, vendo por outro lado é uma experiência, eles irem no guarda-roupa e reconhecerem o seu espaço. Teve mães que falaram que essas coisas a gente já faz, mas daí é a mãe que faz, não é a criança.”

“Isso que tu me comentou agora do relato dessa mãe que falou que isso ela já faz, eu acho intrigante sabe?! Porque quando tu vai no dentista e ele te manda escovar os dentes ou passa o fio dental, ninguém questiona. Mas quando a professora te fala algo que ela acredita ser necessário, tem questionamentos e a partir daí todo mundo é um pouco professor. E essa proposta é muito pedagógica, porque faz parte do cuidar e educar.”

“Exatamente, aí vem o pensamento de alguns pais, que pensam que a gente é babá, do depósito de crianças na escola, nosso pensamento não é esse, mas infelizmente é o pensamento de alguns pais, é triste né, a gente passa tantos anos estudando.”

“Isso de certa forma é uma desvalorização?”

“Sim, também falam que a gente não quer voltar, como se a gente não quisesse. Mas é a mesma questão do Pré B, é o último tempo deles brincarem, depois nos anos iniciais, não que eles não possam, mas o tempo é diferente. Então por que tem que antecipar a alfabetização, deixa a criança no tempo dela, enquanto está na Educação Infantil. E para os pais isso é muito difícil, muitos não compreendem, eles querem que as crianças saiam do Pré B alfabetizados, lendo e escrevendo. E conseguir que eles entendam que não é dessa forma é bem difícil.”

“É difícil isso né? Por que uma coisa é alfabetizar e outra é tu mostrar o mundo das letras e números, a educação infantil tem essa vantagem, eles aprendem brincando e muitas vezes os pais não percebem.”

“Isso, bem isso, tu tem que fornecer, não obrigar uma criança a ser alfabetizada na Educação Infantil. E eu vejo que ainda na rede do município ainda tem profissionais que são tradicionalistas, que dão muita folhinha, que dão coisas para preencher, e eu não estou julgando, estou te falando que ainda existem coisas para se desconstruir. Tem escolas que não vão de encontro com esse pensamento, mas tu

precisa seguir como a banda toca. Serve muito de aprendizado. Essa desconstrução é muito difícil, porque tu precisa admitir que de outra forma é melhor.”

“É lindo esse nosso processo de desconstrução e reconstrução. Ainda bem que a gente se possibilita e se permite isso.”

“Isso! Essa parte vai acontecendo com algumas pessoas porque se permitem enxergar, ocorre depois das práticas e vivências, o amadurecimento a gente vai construindo. E entender que os erros e as falhas acontecem, não precisa ficar se massacrando, mas tentar não repetir esse erro da próxima vez.”

“Hoje, em 2020, como é que tu vê a nossa educação?”

“No geral, acho que tivemos grandes avanços, talvez por ter tantas universidades perto, tão próximas da comunidade, isso faz com que a gente tenha uma força maior. Isso nos deixa com mais propriedade para falar e para fazer.”

“Agora, quanto as famílias, eu acho, que a gente não consegue colocar ela de forma que a gente consiga trazer ela talvez seja uma característica da comunidade que eu trabalho, mas a gente tem muita dificuldade para conseguir trazer essa família, é isso que a gente queria muito, trazer as famílias e dizer que a escola não é da gente é Nossa.”

“Para finalizar, eu gostaria que tu definisse o que é Infância.”

“A infância é o mundo que tu tem que proporcionar, que tu tem que permitir, tu tem que experienciar, tu precisa usar os direitos de aprendizagem, a infância é o ser que tu tem que escutar, que tu tem que conduzir, que muitas vezes têm que pegar pela mão e apresentar esse mundo, é um ser de direitos, acho que esses são os conceitos de uma educação Infantil sabe?! Eu vejo isso na escola onde eu trabalho, a gente tenta proporcionar coisas pra eles que talvez a família não consiga, nós tentamos levar para teatro, levar para shopping, possibilitando vivências. Então pra mim infância é abrir esses horizontes, é possibilitar uma infância.”

11.5 Sujeito de pesquisa E

“Eu gostaria que tu começasse falando um pouquinho sobre ti sobre a sua formação.”

“Eu me formei pela UFSM, em pedagogia licenciatura plena em 2008 e depois eu fiz tecnologias da informação e comunicação, pós-graduação e especialização também em gestão Educacional, mestrado em educação tudo pela UFSM, a titulação mais recente foi a especialização em gestão Educacional, também trabalhei concurso de especialização em gestão educação e hoje trabalho com tutora no curso de pedagogia a distância. Eu entrei no município em 2009, e hoje trabalho como professora e como coordenadora, 20 horas para cada uma dessas funções.”

“Até agora tu acha que teve avanços se tratando da Educação Infantil?”

“Na verdade o meu curso todo, a minha graduação, ela foi voltada para os anos iniciais porque quando eu entrei no curso de pedagogia existiam duas matrizes curricular, uma só para a educação infantil e outra só para as séries iniciais. Houve uma reformulação curricular pra educação infantil e anos iniciais, e depois em 2006 (eu formei em 2008) houve a unificação. Mas a minha graduação toda foi voltada para os anos iniciais, a minha turma foi a primeira a se formar com esse novo currículo. Eu não tive muita base de Educação Infantil, nós fizemos duas ou três disciplinas da educação infantil, e formamos com o certificado de licenciatura plena. Quando eu fui fazer meu estágio, foi a primeira vez que tive contato com a educação infantil, e a visão que eu tinha da educação infantil era uma visão muito assistencialista, eu não imaginava o tanto que era possível desenvolver com a educação infantil. Comecei a trabalhar em 2009 em uma escola particular e em escola pública, depois sim, eu fiquei apenas no público. Naquela época eu via muita diferença entre a escola privada e escola pública, diferenças de famílias, de participação na escola mesmo. Hoje eu consigo perceber que os perfis da escola onde eu trabalho são de pessoas, pais e mães trabalhadoras, que deixam seus filhos na escola, também para poder trabalhar, embora eu seja uma pessoa que defenda muito que a educação infantil não é um lugar pra ti deixar teu filho quando tu precisa, considerando tudo que a gente desenvolve na educação infantil, as competências, as habilidades, a base tá aí trazendo as dez competências, trabalhando com as áreas do conhecimento, que estão todos os pontos que a gente desenvolve com as crianças, pensando que a gente vai usar a Base como a base da nossa educação. Mas o perfil de família se modificou muito, as famílias passaram a entender a escola pela questão educativa, atrelando o educar ao cuidar, hoje eu percebo que eles entendem que a gente não cuida somente e que a gente não educa somente. Porque todos os momentos de uma escola de educação infantil são

pedagógicos e de aprendizagem, se o professor souber tornar isso para as crianças. Também o avanço das políticas públicas neste sentido. Embora, historicamente se tenha o pensamento de que são creches ou enquanto o próprio papel do professor, visto como, tia. Por parte das famílias, hoje, se tem uma valorização, por parte dos governos e por parte das políticas públicas e por políticas de estado que legitimam a educação infantil como parte da educação básica. Ainda há muito pelo que se buscar, a meu ver a gente percebe que em meio a pandemia, os governos dão prioridade para que se abra as escolas de educação infantil, mas eles estão dizendo isso, porque as famílias não têm onde deixar as crianças, então a gente volta um pouquinho para o assistencialismo. É um caminho que a gente vai percorrer, mas muito já foi percorrido.”

“Quando são propostos os protocolos de distanciamento, as máscaras, esses 2 metros de distância um do outro, a gente sabe que não é possível, porque a gente vive a prática. A gente sabe que a criança se desenvolve por meio da interação e assim tu está negando a interação para ela, tu está negando o contato com o professor, então isso pode gerar consequências psicológicas para as crianças também.”

“Como tu vê a educação infantil hoje?”

“Hoje eu vejo uma educação que ainda tem muito que caminhar mas uma educação que tem priorizado cada vez mais o desenvolvimento dos alunos, atrelando o cuidado com a educação, a educação infantil tem muito isso, mas vendo com uma gama de possibilidades de novidades para os alunos antigamente a gente falava muito em lúdico, e aí por muito tempo se dizia que eles ficassem infantil lúdica por si só, então ficou batido falar em lúdico na educação infantil e hoje a gente traz principalmente com a vinda da base(BNCC) o termo experiências e vivências na educação infantil hoje ela tá considerando ou deveria considerar muito as vivências que os alunos trazem de casa né com as aprendizagens que eles já vêm, mas também a partir delas proporcionar outros momentos dentro da escola a ressignificação também do professor não mais aquele professor que leva a folha pronta para crianças pintar ou quê da folha para que a criança simplesmente que desenha com lápis ou giz trazer outros materiais, explorar todos os ambientes, fazer com que a criança descubra e não dá aquilo pronto para criança e voltando um pouquinho na pergunta anterior também, eu vejo que mudei enquanto professora,

desse tempo todo talvez pela lacuna que eu tenha tido da minha graduação que outros acadêmicos que talvez não tenham né, mas a minha formação naquele momento me deixou algumas lacunas relacionadas à educação infantil, eu entrei com a visão que eu tinha da minha educação infantil, de 30 anos atrás que era diferente. Então hoje os professores também estão procurando se reinventar, estão se redescobrando, pra tentar fazer aquilo que se pensa hoje sobre a educação infantil, um espaço de vivências e de experiências para as crianças.”

“Isso é incrível, os professores estão aceitando, estão se permitindo ter essa visão e se permitindo mudar, porque isso é muito difícil é difícil tu mudar o pensamento para algo novo.”

“Claro que cada escola tem o seu perfil, sobre ser tradicionalista, nesse caso se for analisar a parte teórica a nossa escola tem um pouco de tradicionalismo. Na nossa escola a gente trabalha com projetos.”

“Quais são os aspectos que tu leva em consideração que tu utiliza pra fazer essa proposta?”

“Primeiro na escola a gente trabalha com projetos então as nossas propostas a temática delas segue sempre o que a gente tá trabalhando com projetos sempre não, mas de maneira geral tinha a gente tenta aliar essa proposta com a temática que a gente tá trabalhando, depois eu penso em que habilidades eu vou querer explorar daquela criança, por exemplo, se eu vou querer explorar a motricidade fina, como que vai ser a questão da interação partindo dos Campos de experiência. Depois eu penso na questão se os alunos vão conseguir fazer aquilo, considerando o desenvolvimento que eles já estão.”

“Eu acho que é mais ou menos isso que eu penso, mais ou menos nessa ordem”

“E quando se trata da escuta sensível com as crianças, como tu enxerga os benefícios da escuta sensível?”

“Na verdade a gente fala muito que o professor tem que ter uma escuta sensível, tem que ter um olhar sensível, na educação infantil, isso é muito presente, é difícil falar com um professor de educação infantil que não vá te dizer que não tenha isso, ou que não teve em algum momento. Mas a gente precisa ter muito claro que às vezes a gente faz um planejamento e as crianças não se interessam a gente pensa

que aquilo é maravilhoso e eles não dão a mínima bola, às vezes dá mais atenção a borboleta que tá lá voando do que a atividade mirabolante que tu propos. Então ter um olhar sensível e uma escuta sensível é também dá atenção aquilo que tá chamando atenção das crianças, é focar nessas curiosidades deles, nessas experiências, e quando a gente fala em considerar as vivências é isso, o que a gente planeja não pode ser fechado e que se tem algo que está chamando a atenção das crianças a gente pode tirar uma experiência daquilo ali, claro que tem momentos que tu tenta fazer com que as crianças prestem atenção, aí eu comentava anteriormente que a nossa escola é um pouco tradicional, não é aquela coisa que as crianças fazem o que querem e na hora que querem, eles têm um horário pra fazer a refeição, eles tem o horário das turmas que dormem para dormir. Então ter a escuta e o olhar sensível é perceber que a criança está com sono e não obrigar ela a fazer a atividade, é perceber que naquele momento a criança não está com fome, e que talvez mais tarde ela estará com fome. Penso que a sensibilidade se dá também nesses momentos.”

“E como está sendo esse ano com as famílias? Por que eu penso que vocês trabalham por projetos e como foi tudo isso?”

“Ali em março, dia 17 que foi o último dia de aula, a gente não tinha nenhuma orientação da prefeitura, simplesmente mandaram suspender e a gente estava com a sensação que estávamos indo viajar, que tu fecha a mala e fecha a casa, mas que tu sabe que vai voltar 15 dias depois, nós fechamos a escola e saímos, só que daí, foi demorando, demorando, nós tínhamos vários mantimentos dentro da escola, porque recém tinha feito compras, a gente deixou todo um trabalho em andamento. Nós enquanto escola, pensamos em continuar postando sugestões de atividades pra que eles não se sintam desamparados, enfim, porque a gente não tinha orientação e não sabia como ia ser, a alguns anos atrás nós criamos grupos de turmas no WhatsApp, que todos os pais participam, com a professora, então continuamos as comunicações com as famílias por esse canal e sugestão de postagens aleatórias na página do Facebook da escola. Em maio se não me engano a nossa secretaria de educação começou com uma movimentação para auxiliar os professores no ensino remoto, nós desde abril tínhamos grupos de pesquisa da escola. E depois de estudar no mês de abril, em maio optamos por conta própria continuar nossos trabalhos com as crianças, todo mês tinha algo norteador para se trabalhar com as crianças, também trabalhamos por meio de projetos, nós permanecemos com nosso

projeto inicial para ser norteador mesmo. Inicialmente nós trabalhávamos duas atividades por semana, só os retornos foram poucos, então optamos por mandar uma atividade por semana, baseado na nossa temática que esse ano eram os contos infantis, então pensamos nas atividades, levando em consideração, o que era possível a criança fazer em casa, com o material que ela tinha em casa, porque a entrega dos materiais que ficaram na escola, foram entregues em junho, se não me engano, e como nós já tínhamos os grupos criados, nós mandávamos por ali as atividades. Então foi disponibilizado o Google classroom, porém apenas para os anos iniciais, porque não é indicado que crianças pequenas fiquem na frente de telas, outra coisa, porque embora as nossas famílias não sejam extremamente pobres, muitas não têm computador. Então precisávamos pensar em vídeos curtos, em músicas, nós professores contando histórias, sempre tentando não ultrapassar 3 minutos, para que a criança conseguisse prestar atenção e para não ficar muito tempo em frente a tela, até porque o celular não é da criança, é de algum familiar, então requer que alguém coloque a atividade para a criança.”

“Temos instruções normativas, que também normatizam o trabalho do professor, então todos esses documentos foram saindo mas eles foram saindo no final primeiro semestre início do segundo semestre, então a escola foi se adequando a orientação de postagens, enfim, tanto é que das Resoluções do Conselho Municipal, a orientação é que para pré-escola seja de uma atividade na semana e se passa uma interação na semana as nossas interações elas não são síncronas, pensando justamente que tu vai fazer uma chamada pelo meet, uma criança ele vai ver dois três colegas na tela para conseguir ver todos pensando que não é possível isso então as nossas atividades de interação elas são assíncronas, pelos grupos de interação. E para a creche a gente pede para que as famílias mandem um retorno por áudios ou vídeos. No início a gente tinha uma aceitação de todas as turmas, de Berçário 2 a Pré escola. Depois de um certo tempo, percebemos que as famílias estavam cansadas.”

“Pra ti qual é o conceito de infância?”

“A infância para mim ela remete a alegria, felicidade, a rir, a brincar, aprender limites, aprender valores, eu penso que é nessa faixa etária que as crianças estão se construindo, estão aprendendo o que é bom, o que não é bom então a infância para mim ela deveria sempre ter alegria e a felicidade e depois sim é um momento de

construção de valores e de regras e de limites não é uma definição fechada mas é como eu penso deveria ser a infância.”

12 TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VÍDEO, VOZ E ESCRITA

Trabalho de Conclusão de Curso: A infância e a docência: Os caminhos que permeiam a Educação Infantil.

Eu....., profissão: portadora do RG: inscrito no CPF:....., residente:..... ,
AUTORIZO o uso de minha imagem em fotos, vídeo, voz e escrita referentes a Metodologia de Pesquisa utilizada pela acadêmica autora deste Trabalho de Conclusão de Curso, Flávia Roberta Weiss de Oliveira, pela Universidade Federal de Santa Maria, em novembro de 2020.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso de minha imagem e escrita em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem reclamar direitos conexos e assino a presente autorização.

SANTA MARIA-RS, janeiro de 2021

Nome e assinatura